

Sânzio de Azevedo  
Professor

# A bÍlis funda que queima no céu: poesia do amor filho da ausência, ciência de tudo quanto sentimos

Existe algo de bem e de exato no semblante de Rafael Sânzio de Azevedo: os lábios finos que riem o rosto todo, a expressão tão harmônica quanto sincera, uns meneares de cabeça ingênuos e meio apressados. A racionalidade patente oculta o escritor capaz das junções mais puras. Quando a alma já não encontra espaço dentro de si, necessária se faz a busca por outros sóis. As emoções falam a Sânzio em alexandrinos ou decassílabos, pulsos donde irrompe o verso purpúreo, plácido entre lírios. A dor é silente em suas mãos, pois a angústia de um artista é um pranto sem lágrimas.

São muitas na mente dele as lembranças do pai, Otacílio de Azevedo, também poeta destas searas: ele dizia poemas assim, quase inocentemente, rimava e dispunha métricas em versos sem saber o que era sujeito ou predicado. Recordações igualmente tantas de Rubens de Azevedo, o irmão mais velho, encantador de luas a lhe apresentar a glória e o fulgor de estrelas há muito findas. Mas Sânzio gostava era dos cometas, sempre arrastando tão belamente os véus através do infinito.

De primeiro, havia o gramofone com o chiado baixo que por pouco não desafinava a viola aguda ao fundo da música e tornava ainda mais cavernosa a voz do cantor do bolero ou da valsa do passado. Havia os corsos no carnaval, as marchinhas. Na meninice de Rafael havia o desvelo da mãe, havia os super-heróis que lhe escorriam dos dedos, havia a curiosidade de quem viria a ser um cientista das palavras. Na celeridade de seus passos reside cada minuto dos 70 anos de Sânzio de Azevedo.

Ele flanava numa Fortaleza que corria descalça por ruas sem a pretidão do asfalto; nessa época a chuva trazia um mormaço bom. As madrugadas eram noites do tamanho do céu, violões queixavam à Lua a mágoa do bem-querer distante. Podia-se ir a qualquer porta, janelas sempre haveria... Dos tempos de serenata quase remanesce um sorriso de moça na sacada, talvez nem isso. O manto negro que veste de todas as estrelas já não acolhe o boêmio de outrora; além de uns res-

tos de luar, lhe cai dos ombros agora o vão deixado pela sangria de uma tarde que insiste em não morrer.

Ainda na mocidade apartou-se da louca Fortaleza. A saudade não cabia na terra remota, quiçá coubesse nos mares verdes e nos coqueiros tremulantes ao Vento Aracati. Ele bem que procurou, mas em São Paulo pés de coco não havia. Na lonjura apercebeu-se do amor extremo pela gleba e por suas letras: no regresso tornou-se maior. A convalescença derradeira foi a firmeza resoluta de estudar nossa literatura. Pesquisador arguto de gênio perspicaz, alcançou prestígio entre os seus, tornando-se referência nas áreas em que se dispôs a mergulhar esmeradamente.

De tão pouco serviria tudo o que é se apenas para si ele se guardasse. Mas o professor apascenta tantos jovens nos caminhos de páginas... No mundo dele, povoam poetas e suas noivas pálidas, inalcançáveis e de mãos frias, e os alunos submergem no universo daquelas cantigas. A poesia por ele solfejada cresce da página, é uma reza solene e livre. Sânzio é um lampejo aguerrido e cálido da arte em palavras, é a literatura simétrica que lhe explode os poros. A busca pela perfeição é saga solitária; na sílaba forte, a tônica é a do enlevamento, a precisão alquímica de um salmo estreito.

A qualidade do que é autêntico reside na simplicidade e na modéstia do firmamento de Sânzio. Os óculos pretos e de aros grossos beiram a timidez, e aprender é uma fome eternamente insatisfeita. Verdadeiro mestre é aquele a nos ensinar não apenas a teoria, mas também lições para que sejamos alma.

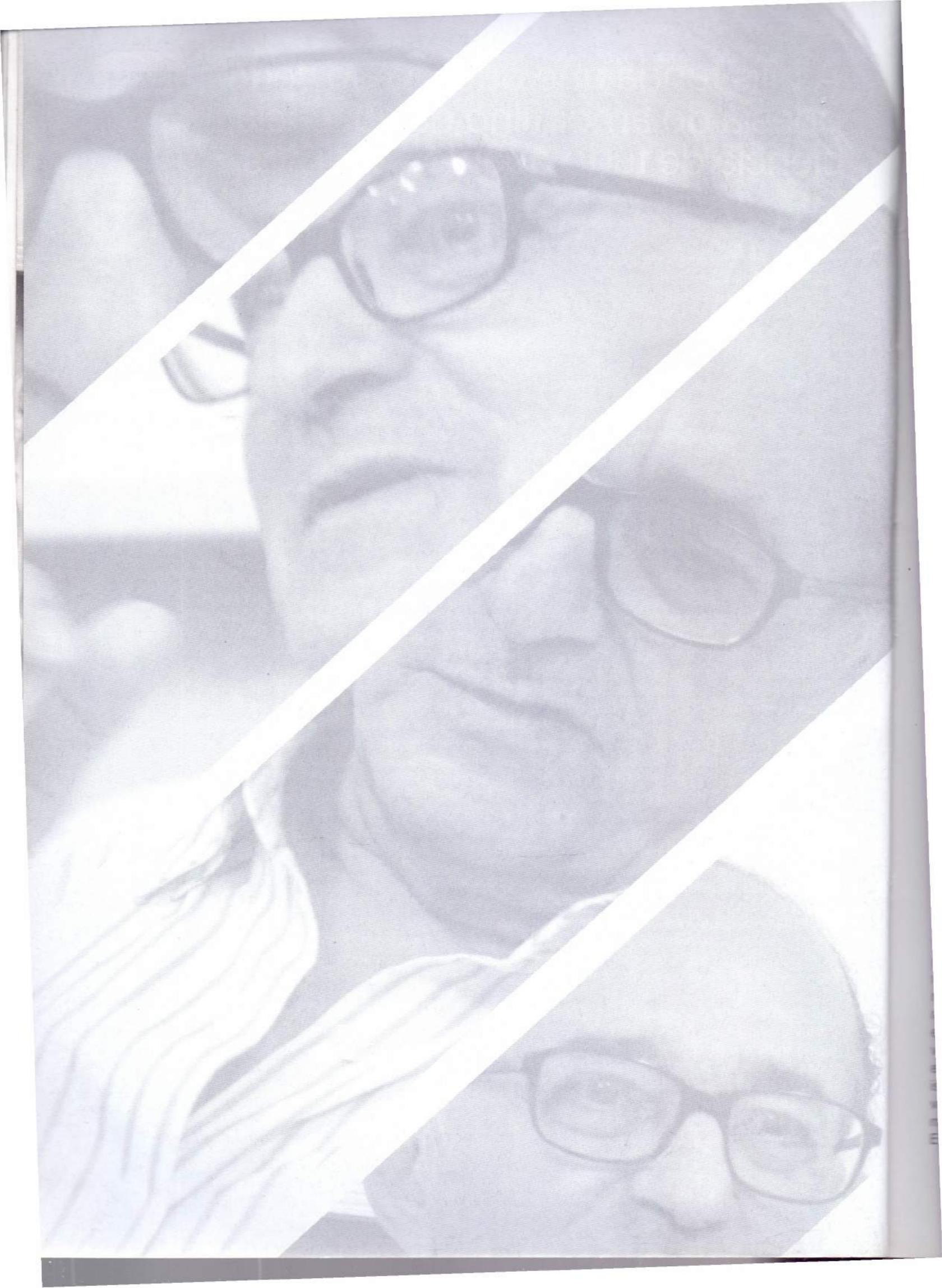
No meio da conversa, Sânzio puxa um livro magicamente de dentro das mãos. Ele surge com letras datilografadas em máquina de teclas pesadas e barulhentas, de onde desbrocha o verso azul. As páginas amarelas poderiam ser de qualquer cor, pois os livros de verdade não envelhecem por dentro. De tudo Sânzio guarda uma saudade que nunca fenece: é aquele sentimento que está sempre ali, no íntimo, engolindo todo o ser, como se lhe enforcasse os olhos.

**Equipe de Produção:**  
Alinne Rodrigues  
Lucíola Limaverde  
Thiago Mendes

**Entrevistadores:**  
Alinne Rodrigues  
Ana Karolina Assunção  
Diego Silveira  
Edwirges Nogueira  
Giselle Soares  
Isabele Pequeno  
Ivna Bessa  
Lucíola Limaverde  
Gustavo de Negreiros  
Síría Mapurunga  
Talita Christine  
Thiago Mendes

**Texto de abertura**  
Lucíola Limaverde

**Fotografia**  
Alinne Rodrigues  
Diego Silveira  
Callen Leão



Entrevista com Rafael Sânzio de Azevedo em 10/06/2008.

**Alinne** – Seu pai (*Otacílio de Azevedo*) veio de Redenção (*município cearense da microrregião do Maciço de Baturité, situado a 63 km da Capital*) para morar em Fortaleza aos 18 anos. Por aqui sua família morou em várias casas diferentes. Passou pelo castelo do arquiteto Emílio Hinko, por uma casa na Rocha Lima (*rua do Centro*) até que se estabeleceu na rua Jaime Benévolo (*situada no bairro José Bonifácio, próximo ao Centro de Fortaleza*). Qual foi a recordação mais significativa que você guardou desses locais onde passou a infância?

**Sânzio** – Bom, a data mais significativa mesmo é difícil. Agora eu achei interessante você ter assinalado exatamente as casas onde eu morei – você olhou pela data (*risos*). Eu nasci mesmo foi aqui perto da Universidade, numa rua que se chamava rua da Botija. Era chamado Prado, aqui o bairro, mas eu não me lembro de nada. É incrível eu me lembrar de quando eu tinha três (*fala com ênfase*) anos. Isso eu tenho certeza. Tenho certeza porque quando eu morei na Aldeota (*bairro de Fortaleza*) – não que a gente fosse rico –, nós morávamos numa casa do (*arquiteto húngaro*) Emílio Hinko. Meu pai tomava conta das casas dele. O Emílio Hinko era casado com a Pierina, dona do *Excelsior Hotel* (*localizado na Praça do Ferreira, foi inaugurado em 1932 e foi considerado na época o primeiro arranha-céu de Fortaleza, com sete andares*), viúva do Plácido, aquele Plácido do castelo que demoliram (*Plácido de Carvalho, primeiro marido de Pierina, para quem construiu um castelo no quarteirão onde hoje se situa o Centro de Artesanato do Ceará – Ceart – na Praça Luiza Távora*), porque aqui no Ceará tudo se bota abaixo.

Então, lá na Aldeota, nós morávamos numa casa cujo muro dava para a (*rua*) Costa Barros. Vejam vocês como eu sou antigo... Eu me lembro muito bem, é uma coisa marcante, de uma boiada passando numa rua cheia de areia, e a minha irmã Consuelo me pôs no braço – eu muito pequeno – para eu ver os bois passando. Nisso um dos bois virou os chifres para um lado do muro e eu quase caía de medo. Eu acho que é por isso (*que*) até hoje eu tenho medo de boi e vaca. Depois eu conversando com a minha mãe, ela me disse: “Era a rua Costa Barros”. Então você imagine: a rua Costa Barros era

areia passando boiada (*hoje é das ruas mais movimentadas da Aldeota*). Depois fomos para a Rocha Lima. Justamente... em 42 eu estava na Rocha Lima. Nasci em 38, em 42 eu completei quatro anos na Rocha Lima.

É claro que o mais marcante para mim vai ser a Jaime Benévolo, porque eu fui com cinco anos para essa rua, número 757, onde hoje mora minha irmã. E todas as minhas lembranças da infância, as maiores lembranças, são dessa rua – que era areia. Não tinha energia elétrica, era na base da lamparina. Depois eu vi quando calçaram a rua e tudo. E o tempo foi passando.

Havia circos. Havia um terreno perto lá de casa, onde de tempos a tempos vinha o *Circo Boa Noite* (*fala com ênfase*), o *Circo Belas Artes*, o *Circo Alegria*, ou então quermesses. E aí eu entrei até pela adolescência. Havia umas quermesses... (*Havia*) uns parques com as “irradiadoras” (*espécie de serviços de altofalantes que permitiam a troca anônima de mensagens*) com aquelas músicas. Então nesse tempo, com 17 anos, eu tomava assim umas canas, uma cachaças, e ficava apaixonado por uma moça, ficava botando todo tempo um disco do Nelson Gonçalves (*um dos maiores cantores de músicas românticas do Brasil, é intérprete de A volta do boêmio*), morto de bêbado junto com um amigo. Então isso a gente não esquece nunca (*risos*). Justamente, o que me marcou mais foi a Jaime Benévolo mesmo. Eu vivi lá praticamente de 1943 a 1972.

**Luciôla** – Sânzio, você nasceu em um meio artístico: sua mãe era retocadora de fotos e seu pai, além de ser poeta autodidata e pintor, era fotógrafo. Em que momento da sua infância você se deu conta de que seu pai era um poeta?

**Sânzio** – Não é fácil responder isso, não. Eu me lembro de que – parece-me – quando ele publicou em 44 o poema *Redenção*... Era uma plaqueta, um opúsculo (*pequena obra escrita*). Eu lembro que eu gostava muito desse poema. Eu comecei a ler e achar bonitos aqueles versos. Eu tenho a impressão de que foi aí que comecei, ainda menino, a ver que papai era um poeta. Os quadros então... Sempre. Sempre vi meu pai pintar e achava aquilo muito bonito. Agora, é uma coisa curiosa, não sei se eu falei isso naquele dia (*refere-se à pré-entrevista*), mas quando eu entrei na Academia Cearense de Letras,

Antes que o semestre começasse, Sânzio ministrou um curso sobre Padaria Espiritual no Centro Cultural do Banco do Nordeste. Thiago e Luciôla estiveram presentes.

Na fase inicial da disciplina de Laboratório de Jornalismo Impresso, os candidatos a entrevistados são indicados pelos próprios alunos e submetidos a uma votação.

No dia da escolha, Lucíola tinha na lista cinco autores cearenses: Pedro Salgueiro, Henrique Beltrão, Ana Miranda, Abelardo Montenegro e Sânzio de Azevedo.

no discurso (*de posse*), eu disse uma coisa que parece retórica, e é – mas tem muito de verdade. Eu disse que cresci entre um poeta que ouvia estrelas, alusão ao Bilac (*Olavo Bilac, cronista, contista e poeta parnasiano cujo texto mais famoso é o soneto XIII de Via Láctea*); e um astrônomo que observava as estrelas, o Rubens, meu irmão mais velho: Rubens de Azevedo, que é o nome do planetário do Dragão do Mar (*Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, um dos principais equipamentos culturais do Ceará*). Então, engraçado, eu acho, eu tenho quase certeza de que eu tive uma influência muito forte da poesia de papai e da ciência do meu irmão. Tanto assim que meu primeiro livro se chama *A Terra antes do homem*. É sobre animais pré-históricos, dinossauros – não é um livro de poemas. Quase todo mundo inicia a sua obra por um livro de poemas. Eu não. Eu já fazia uns poemas, muito ruins (*risos*) aqui em Fortaleza, quando eu fui para São Paulo.

**Thiago** – Ainda a respeito do seu pai, ele se define, numa gravação que nós ouvimos do Museu Fonográfico do Ceará (*iniciado com acervo de áudios, em 1958, hoje leva o nome de Arquivo Nirez, apelido de Miguel Ângelo de Azevedo, irmão de Sânzio*) como poeta parnasiano-simbolista. Além do gosto de estudar Parnasianismo e o Simbolismo, o que mais ficou de Otacílio em Sânzio?

**Sânzio** – (*Pausa*) Olha, eu tenho a impressão de que meu pai me influenciou muito, não só sobre o Parnasianismo e o Simbolismo, mas sobre a Literatura Cearense. Quando eu fui no fim de 59 para São Paulo, eu me senti completamente deslocado, morrendo de saudade do Ceará. Porque São Paulo é muito diferente. Se eu tivesse ido para o Rio, eu acho que eu tinha ficado lá. Me desculpe se tiver algum paulista aqui, mas São Paulo é muito diferente. Parece que se está na Europa (*risos*). E aquele frio... Eu gostava do frio... Mas eu digo a paisagem... Eu tinha uma saudade, eu sentia uma falta muito

**“Cresci entre um poeta que ouvia estrelas (...) e um astrônomo que observava as estrelas, o Rubens, meu irmão mais velho”**

Thiago, entretanto, teve a fala requisitada antes da dela e, coincidentemente, indicou o nome do poeta. Até hoje ela reclama a co-autoria da indicação.

grande do Ceará. E meu pai me mandava livros cearenses. Mandava do Dolor Barreira (*jurista, historiador, professor e ensaísta. É autor da obra de quatro volumes História da Literatura Cearense, publicados entre 1948 e 1962*)... E o Carlyle Martins (*promotor e juiz em diversas cidades cearenses, escreveu livros de poesia, biografia, ensaio e ficção*), que era poeta parnasiano, amigo do meu pai e meu também. Carlyle Martins também me mandava livros de poetas brasileiros, mas muitos livros do Ceará. E ocorreu que em uma ocasião (*pausa*), eu morava em Santo Amaro (*bairro da zona sul de São Paulo*). Eu morei em muitos lugares em São Paulo.

Fui morar em Santo Amaro e eu tinha um amigo carteiro, chamado Floreal d'Amore – era paulista mesmo, apesar do nome. Nesse tempo eu estava desempregado e ele me disse: “Quer ir comigo distribuir cartas?” Ele sabia que eu gostava de poesia e quando chegou numa casa ele disse para o morador: “Quem é o poeta de Santo Amaro?” O morador disse: “Paulo Eiró!” E começou a declamar versos de Paulo Eiró. Ora, Paulo Eiró era poeta romântico que morreu louco. Eu achei aquilo tão interessante, tão bonito o cidadão conhecer o poeta da sua terra e comecei a me lembrar do Ceará, onde ninguém conhecia – nem conhece – (*risos*) os escritores da terra. Eu dou aula de Literatura Cearense e de vez em quando eu estou citando uns nomes que ninguém conhece. Muitas vezes alguém diz: “Ah, a rua onde eu moro” (*risos*).

Então (*risos*), quando voltei para o Ceará, voltei com a firme decisão de estudar e divulgar a Literatura Cearense. Quer dizer, meu pai (*também*) influenciou bastante nessa decisão. Quando eu voltei, eu tive a sorte de trabalhar na Casa de José de Alencar (*local onde nasceu o escritor cearense, hoje tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, é instituição cultural ligada à UFC*) com o doutor Martins Filho (*Antônio Martins Filho, cearense do Crato, foi o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará, fundada em 1954*), de quem eu cheguei a ser amigo... A gente conversava muito e ele me incentivou a fazer uns opúsculos: *A Padaria Espiritual*, *A Academia Francesa do Ceará* e *O Centro Literário*, (*publicados respectivamente em*) 1970, 71 e 72 (*três principais agremiações culturais do Ceará do século XIX. Na tese de doutorado, defendida em 1980, Sânzio voltaria a tratar da Padaria Espiritual para falar do surgimento do Simbolismo no Ceará*).

**Thiago** – Você fala da influência na literatura. Mas e os ensinamentos de pai, o que mais o marcou?

**Sânzio** – É meio difícil de eu dizer, porque meu pai não era muito de ensinar, não (*risos*). Ele deixava a coisa fluir naturalmente. Agora, o que meu pai fazia era me impressionar... Ele me fez desenvolver o meu ouvido. Eu dou até aula de Teoria do Verso e tenho um livro: *Para uma teoria do verso*.

Isso aí eu devo ao meu pai, sem ele querer. Porque eu tinha a mania, quando eu tinha tempo, de pegar livros de poemas e ficar lendo para ele, lendo alto. E ele achava uma beleza, dizia: "Bonito!". Ele tinha uma prevenção contra o modernismo – confesso que eu tinha no começo um pouco, depois fui...

De vez em quando eu pegava um poema de Fernando Pessoa (*poeta modernista português, considerado um dos maiores poetas da língua portuguesa, autor de Mensagem*), lia para ele, ele dizia: "Bonito!", e eu dizia: "Pois é o Fernando Pessoa" (*risos*). Ele gostava mesmo era do Bilac. Então eu quero dizer: esse negócio de eu ler os poemas me acostumou muito o ouvido. Tanto que hoje você diz um poema para mim e eu digo logo quantas sílabas tem o verso sem precisar estar contando.

Meu pai contava que conheceu um poeta, Raimundo Varão, um poeta estranho, que tinha seis dedos em cada mão. Meu pai começou a fazer versos contando nos dedos. Não sei se era porque Raimundo Varão tinha seis dedos... Ele chamava meu pai de "Seu Oton": "Seu Oton, desgraçado do poeta que conta as sílabas nos dedos!"

Outra coisa interessante do meu pai foi eu ver como ele fazia os poemas. Porque um dia, lá em casa, eu me sentei à mesa, peguei papel e caneta, lápis e borracha, e disse para ele: "Vou escrever um soneto sobre Fortaleza." Papai olhou assim e disse: "Ah! Se eu me sentar para escrever, não escrevo coisa nenhuma." E ficou andando do quintal para a porta da rua. Todo o tempo andando, andando, andando... E eu lá sabia o que ele estava fazendo! Eu quebrando a cabeça para fazer o soneto e não saía nada. Quando foi daí a um pedaço ele pegou um papel, escreveu e me deu. Era um soneto que ele tinha feito sobre Fortaleza: "Ainda contemplo, ó loura Fortaleza/ no sorriso de sol que ora desatas/ a antiga Canaã num sonho presa/ ao choro dos violões das serenatas." E terminava dizendo: "E onde cabelos a revoar, dispersos/ eu escrevia os meus primeiros versos/ ao rosário de luz dos combustores." Eu rasguei o meu e desisti (*risos*). Eu aprendi muito com ele a maneira de compor as coisas. Eu vi que não tem nada a ver compor um poema assim como quem faz um ofício.

**Diego** – Sânzio, você acabou de falar da sua relação com seu pai, seu Otacílio. Como

era a relação do senhor com a sua mãe? O senhor escreveu um soneto para ela, "A minha mãe", do livro *Cantos da Longa Ausência* (*primeiro livro de poemas; no soneto A minha mãe, Sânzio escreve: "és tu, apenas, quem me entende as dores"*).

**Sânzio** – Mas pode me chamar de você mesmo. É o seguinte. A minha relação com a mamãe era a mais estreita e carinhosa possível. Eu sou o mais novo – ou o menos velho. Mamãe (*risos*) quase morreu quando eu viajei. Ela passou o ano de 63 lá em São Paulo (*quando Sânzio morava lá*) e depois voltou. Quando eu voltei, em 65, só a passeio, eu voltei pela cidade, mas principalmente pela minha mãe. Mamãe ficou tão abalada com o fato de eu ter que ir embora de novo que daí um ano eu voltava definitivamente. Eu era louco pela minha mãe.

**Isabele** – O menino Rafael já tinha gosto pela leitura. Aos oito anos, você ganhou do irmão Rubens um exemplar de *Viagem à Aurora do Mundo*, de Erico Verissimo (*romancista e tradutor gaúcho, autor de Olhai os lírios dos campos e Música ao longe. Viajou por diversos países divulgando a cultura e a literatura brasileiras*). O que você viu no livro de mais interessante para escrever ao autor?

**Sânzio** – Foi com nove anos. Na verdade, nesse tempo, o meu irmão Rubens já me tinha dado umas páginas de uma revista – não lembro nem que revista era – com uns animais pré-históricos. Eu já estava interessado por negócio de animais pré-históricos. Quando o Rubens me deu esse livro, *Viagem à Aurora do Mundo*, eu li de ponta a ponta.

Eu li o romance, mas, acima de tudo, o que me interessou foi a Paleontologia, porque era a história de um cientista que conseguia captar numa televisão imagens do passado. E apareciam uns animais. Eu fiquei tão encantado com um monte de animais que eu nem conhecia, que... Então eu ditei (*a carta*) para a minha irmã (*Maria Consuelo*) – porque até hoje minha letra é péssima, imagine quando eu tinha nove anos. Minha irmã escreveu a carta: "Gostei muito do seu livro. Conheci os animais tais". E ainda tive a audácia de mandar um desenho, um dinossauro desenhado por mim (*risos*).

**"Eu vi que não tem nada a ver compor um poema assim como quem faz um ofício"**

Alinne conheceu a história de vida de Sânzio na Quarta Literária, evento realizado no Dragão do Mar. No dia seguinte, muito empolgada com a entrevista, ela repetia saltitante: "Que personagem!"

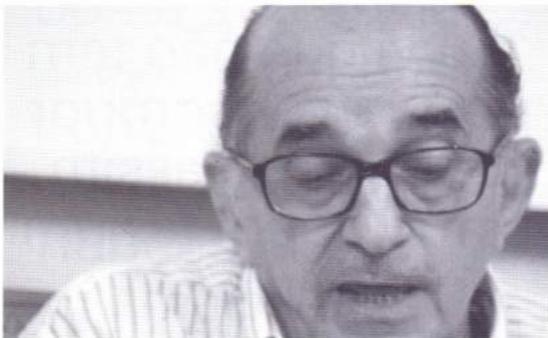
Alguns colegas não conheciam Sânzio. No intervalo de uma aula, no tradicional ponto de tapioca da rua Juvenal Galeno, ele passou em seu carro. "Ali está o nosso entrevistado", apresentou Thiago.

Ao convidarmos Sânzio para ser entrevistado para a nossa revista, ele comentou que conhecia o projeto, mencionando a edição (nº 2) em que o contista cearense Moreira Campos fora entrevistado.

Eu já tinha esquecido (*quando*) eu recebo depois a carta do Erico Verissimo: "Recebi sua carta e o admirável desenho... Quando eu terminar um romanzão grande que eu estou escrevendo – que era *O tempo e o vento* (*obra dividida em duas partes, cada uma com dois volumes*) –, voltarei a escrever obras de Geologia e Paleontologia. É bom que você seja um geólogo ou um paleontólogo. Isso é bom, porque não temos muitos no Brasil". E terminava dizendo que, no ano seguinte, em 48, ele iria passar aqui em Fortaleza e, na certa, iria me encontrar. E dizia: "Receba um abraço de quem já é seu amigo". Ah! Meu pai espalhou essa carta, botou no jornal... Um retrato meu ridículo, vestido de marinheiro (*risos*). E o pior não é isso! O Costa (*José Raymundo Costa*) do *O Povo* (*jornal cearense fundado por Demócrito Rocha em 1928*), tudo que era relativo a mim ele botava lá. Recentemente, em 98, quando (*a primeira publicação da matéria*) fez 50 anos (*há uma sessão publicada diariamente no jornal que traz resumo do que foi notícia em outras décadas*), botou lá: "Há 50 anos: Sânzio de Azevedo recebe carta de Erico Verissimo". E botou o retrato de marinheiro (*risos*). Olha que vergonha! Nesse tempo eu já (*risos*) tocava violão com os amigos e todo mundo deu notícia: "Rapaz, você saiu no jornal!"

**Alinne** – E dois anos depois, ele (*Erico*) veio aqui para o Ibeu (*Instituto Brasil – Estados- Unidos*). E aí, como foi?

**Sânzio** – Ah, sim! Ele veio para o Ibeu fazer uma conferência. Nesse ínterim, meu pai saiu mostrando a todo mundo essa carta, mostrou ao doutor Silvinha, cearense, amigo de infância do papai que se formou em Medicina e foi para o Rio Grande do Sul clinicar em Roca Sales (*cidade gaúcha*). Ele era amigo do Erico Verissimo. E quando ele (*Silvinha*) esteve lá em casa, disse: "Olha a carta do Erico Verissimo! Erico é meu amigo! Vamos tirar um retrato aqui!" Arranjou um grupo: eu, segurando um quadro do papai, papai, mamãe, não sei quem, minha irmã, eu acho... Eu sei que ele tirou o retrato e levou para o Erico Verissimo. O pior foi a vergonha que eu passei depois. Quando fui



Ele disse que tinha tempo disponível naquele momento e perguntou se a entrevista seria ali, na sala de aula onde estávamos. Explicamos que a entrevista só seria em alguns meses, depois de longa pesquisa.

levar o livro para o Erico Verissimo pôr a assinatura, eu pus a carta dentro. Quando ele abriu, viu a carta, olhou para mim e disse: "E como vai aquela família?". Eu fiquei frio. Eu não me lembrava. Eu fiquei frio e pensei: "Ele deve estar me confundindo com outra pessoa". Eu disse: "Que família?". "Aquela, do retrato do Silvinha." Até hoje eu penso nisso: um homem internacional como o Erico Verissimo, vivia nos Estados Unidos, conhecia muita gente, se lembrar de um paude-arara aqui do Ceará! Só pode ter sido porque eu devo ter sido o único menino que escreveu a respeito de *Viagem à Aurora do Mundo*. Porque ele escreveu Tibicuera (*As aventuras de Tibicuera, publicado em 1937*), que é um livro infantil, e deve ter recebido uma dezena de cartas (*de crianças*), ou mais. Mas (*Viagem à Aurora do Mundo*), acho que o único menino que manifestou interesse fui eu. É a única explicação que eu encontro para ele ter lembrado.

**Edwirges** – A sua irmã Consuelo falou que, quando você era criança, gostava muito de desenhar. Desenhava até mesmo à noite à luz de lamparina. O que você desenhava e como surgiu esse gosto por desenhar?

**Sânzio** – Olha, na verdade, eu acredito um pouco na hereditariedade. Papai era pintor e desenhista. Nós todos desenhamos. Bem ou mal, nós todos desenhamos. Todos nós temos essa mania. Inclusive fazíamos histórias em quadrinhos. Eu gostava muito de gibi. Aliás, eu fico furioso ainda hoje quando eu vejo alguém falar mal de história em quadrinhos, dizendo que, como amigos meus... Até a Rachel de Queiroz (*romancista, cronista, é autora de O Quinze*), chegou a escrever contra a história em quadrinhos, "porque isso tira o gosto da leitura". Negativo! Lá em casa todo mundo lê e nós, quando éramos meninos, todos lemos gibi, aquelas aventuras... Eu era louco por história em quadrinhos.

Eu inventava meus personagens também. O tempo da minha infância era o tempo dos filmes de faroeste, que hoje quase não tem. Mas havia uns faroestes no Cine Majestic... (*inaugurado em 1917, era a mais importante sala de exibição de filmes de Fortaleza na primeira metade do século XX*). Depois eu descobri que esses faroestes vinham com um atraso muito grande. Porque perto dos anos 50 eu assistia aos filmes de Johnny Mack Brown. Esse Johnny Mack Brown foi um caubói em 36, 37, por aí. Eu cheguei a assistir a um seriado, *O Último dos Moicanos*, (*série norte-americana de 1932*) com Harry Carrey (*ator de filmes de faroeste nascido em 1878 e morto em 1947*). Harry Carrey é "do tempo do ronca"!

Até porque era mudo... Esses seriados eram mudos e apareciam aqueles letrados. Para vocês verem como a coisa era defasada.

Sim, uma coisa curiosa. Se eu fosse um artista plástico, isso que vou contar seria interessante. Eu merendava no Instituto Waldemar Falcão, de saudosa memória, que era ali onde hoje é a praça do BNB (*Banco do Nordeste do Brasil*), na esquina da Flórida no Peixoto com Pedro I (*ruas do Centro de Fortaleza*). Era o Instituto Waldemar Falcão, onde eu fiz o curso primário, alguns anos do curso primário. Eu lembro que eu não tinha um tostão para merendar e começava a desenhar. Chegava um colega: "Desenha o Bill Elliot (*ator de faroeste conhecido como Wild Bill*)." "Desenha o Durango Kid (*coubói justiceiro da série de TV americana que levava seu nome*)", que era (*interpretado pelo*) Charles Starett. "Desenha o Rocky Lane (*nome do famoso caubói interpretado por Harry Leonard Albershart*)." E por aí ia. Todos os caubóis da época. A gente chamava "roquelane" mesmo (*fala numa pronúncia aporuguesada*) (*risos*).

Eles me pagavam um, dois tostões pelos desenhos. Eu juntava e merendava. Eu ganhei dinheiro com muito desenho. Depois, eu passei a fazer rótulos de bebidas: de cachaça, de vinho, de conhaque. Aí evolui e, quando fui para São Paulo, trabalhei na Adesite, uma fábrica daquelas fitas adesivas, fazendo desenho. Eu fazia o desenho, reduziam e faziam um "clichezinho" (*clichê é a placa gravada para impressão de imagens e textos por meio de prensa tipográfica*) de borracha. Eu cheguei a São Paulo como desenhista, depois é que virei revisor.

**Ivna** – Como professor você é brincalhão em sala de aula e aqui mesmo já percebemos que você gosta de contar coisas engraçadas. E, como estudante, você foi aluno do seu próprio irmão, Rubens. Você mantinha esse espírito de brincadeira?

**Sânzio** – (Como) aluno do Rubens?

**Ivna** – Sim.

**Sânzio** – Não... Nas aulas do Rubens eu ficava meio calado (*risos*). Ele era professor de Geografia. Mas a gente fazia muita palhaçada no (*Colégio*) Agapito dos Santos. Ele foi meu professor ali quando eu estudava de dia, de manhã. Depois eu passei para a noite só para não "fazer a farda". Tinha uma farda ridícula e eu nunca...

**Thiago** –... Tinha que usar a farda?

**Sânzio** – Era. Quem estudava de dia tinha que usar a farda. Era um negócio assim meio cinza e a calça marrom com umas sandálias de franciscanos – tinha uma coisa que "puxava a São Francisco". E eu passei para a noite só para não "fazer essa farda",



foi! (*risos*) E à noite eu fui colega do Heitor Faria Guilherme (*jornalista e professor aposentado da UFC, primeiro chefe do Departamento de Comunicação Social da UFC*). A gente chamava Heitor. Inclusive, o Amaral, Roberto Amaral (*ministro de Ciência e Tecnologia do primeiro mandato de Lula*), que foi nosso colega também, um dia desses ele disse para o Faria Guilherme: "Vocês todos mudaram de nome! O Rafael virou Sânzio... Você, que é Heitor, virou Faria..." Inda tem um que não foi nosso colega lá, que era o Jáder, Jáder de Carvalho Nogueira, que virou Carvalho Nogueira (*sobrinho do jornalista Jáder de Carvalho*). Então a gente brincava muito e depois teve uma coisa – aí eu não posso omitir porque é a verdade. A gente saía para beber no bar do Vieira, na (*hoje avenida*) Domingos Olímpio, e a gente enchia a cara! Então, numa ocasião...

**Thiago** –... Isso no primário?

**Sânzio** – Não. No ginásio. Então eu estava com o Faria Guilherme e mais um bocado de colegas. Tinha um Moreira – que era o mais doido de todos – e era ele quem levava a gente para a perdição (*risos*). A gente tava enchendo a cara (*fala com ênfase*) lá, quando parou a caminhonete do Agapito dos Santos. Estava o Lauro de Oliveira Lima (*estudioso de Piaget, um dos donos do ginásio Agapito dos Santos*), que era o diretor, e o Luís Edgard Cartaxo de Arruda, que foi meu professor de História – gostava muito dele. Os dois olharam e saíram contando e anotando quem era (*que estava no bar*) para suspender.

Acontece que nós tínhamos um jornalzinho, e eu caricaturei os dois. Eu fiz o retrato do pessoal "tudo bebo", bebendo, e lá na caminhonete o Lauro, que estava sempre com a barba por fazer, eu desenhei a barba dele assim (*faz gesto mostrando que a barba era rala*), e o Cartaxo. Mas eles riram tanto que ninguém sofreu nada. Toda hora o Lauro chamava o pessoal para mostrar o desenho (*risos*). Eles acharam foi bom. Então eu já livre a turma pelo menos com esse desenho. Meus desenhos serviram para alguma coisa.

**Isabele** – Você fala sobre os filmes de faroeste. Ainda hoje, você gosta?

Depois do convite, Sânzio telefonou para Thiago dizendo que queria enviar uma miscelânea para nos ajudar com a produção, pasta em que guardava as matérias de jornais e revistas sobre ele.

No jargão jornalístico, essa miscelânea é chamada clipping. Dirimidas as diferenças terminológicas, Sânzio fez questão de enviá-la por correio com uma carta escrita à mão agradecendo o convite.

Os Departamentos de Letras e Comunicação da UFC são separados apenas por uma avenida, mas Thiago, empolgado por receber carta de Sânzio, não contestou. A correspondência chegou em 10 dias.

**Sânzio** – Ainda hoje. Ainda hoje. Quando eu posso, eu adquiero. Até filmes atuais, como aquele: *Os imperdoáveis*, de Clint Eastwood (*cinasta e ator norte-americano*) eu fiz questão de comprar.

**Isabele** – O que o atrai nesses filmes?

**Sânzio** – Bom, é difícil de explicar. É uma fidelidade muito grande, porque desde menino eu gosto de filmes de faroeste, nunca deixei de gostar. Eu gosto do enredo, eu sei lá porquê... Não sei dizer, não. Inclusive há um contraste muito grande... Eu tenho amigos que têm horror aos Estados Unidos e por isso têm horror até à Língua Inglesa. Eu não sou assim, não. Eu não gosto do George Bush (*atual presidente dos Estados Unidos*), mas não é por isso que eu vou detestar a Língua Inglesa, muito menos a cultura inglesa.

Eu sou louco pelo jazz antigo, o *early jazz*, o jazz dos anos 20. Eu tenho vários discos... Todo mundo que gosta de jazz tem horror a Paul Whiteman porque ele era do famoso jazz sinfônico, diziam que ele era picareta. Eu sei que só falam em Duke Ellington (*Edward Kennedy Ellington, músico americano, recebeu o apelido de 'duque' por sua maneira elegante de se vestir*), em Louis Armstrong (*músico de jazz mais conhecido do público em todo o mundo. Foi chamado de "a personificação do jazz"*), mas o Paul Whiteman é esquecido, apesar de na orquestra dele ter tocado o Bix Beiderbecke, que é um dos maiores pistonistas. Duke Ellington, Jelly Roll Morton (*auto-intitulava-se o "inventor do jazz"*). Ajudou a estabelecer padrões para o estilo e foi o primeiro músico a transcrever suas inovações para as partituras... Esse pessoal eu gosto muito. Então é isso. O faroeste eu não sei explicar por que eu gosto não. Mas eu gosto muito do gênero faroeste. Gosto também do filme histórico, tipo *Ben-Hur* (*filme épico de 1959 premiado com 11 Oscars e baseado no romance do norte-americano Lew Wallace*), *El Cid* (*filme épico de 1961 ambientado na Espanha do século XI*), ou coisa que o valha... *Os Dez Mandamentos*, aquele do Cecil B. DeMille (*um dos mais bem sucedidos diretores da história de Hollywood. Dirigiu também o filme Cleópatra*). Eu gosto desse gênero.

**Thiago** – Ainda nessa época da infância, do menino Rafael, como a sua irmã ainda hoje chama o senhor... Ela nos contou que umas das maiores diversões de vocês era brincar com um gramofone.

**Sânzio** – Era.

**Thiago** – Como foi a chegada desse objeto na família de vocês? Um objeto que, na época, já era antigo?

**Sânzio** – Se eu não estou enganado, se a minha memória não falha, a gente chamava

"mirafone". Eu nunca vi esse nome na minha vida, o nome é gramofone (*aparelho de reprodução fonográfica*). Me parece que o gramofone é anterior a mim, pelo menos à minha inteligência. Porque parece que esse gramofone apareceu na Aldeota, na casa do Emílio Hinko, e com alguns discos de cera. A corda quebrou, mas tinha um negócio chamado "borboleta" que não deixava desandar, que marcava o ritmo mesmo. E eu, quando era menino, bem pequeno, quatro anos, eu botava os discos e ficava rodando com a mão esquerda. E dizem – não quero me elogiar não –, mas diziam minha mãe e minha irmã que eu tinha muito ritmo. E os discos eram de Carmen Miranda (*atriz, dançarina e cantora. Foi a artista brasileira que alcançou maior sucesso nos Estados Unidos*). É a mesma coisa da história dos caubóis. É tudo anterior ao meu nascimento. Era disco do Almirante (*Henrique Foreis Domingues Almirante, cantor, radialista e pesquisador de música popular brasileira*) de 1934, disco de Carmen Miranda, de Carlos Galhardo (*cantor popular nas décadas de 1940 e 1950, era conhecido como "O Rei da Valsa"*), por aí assim. Então esse gosto meu ainda hoje por música desse tempo, música antiga, vem um bocadinho daí.

**Alinne** – Na sua adolescência, o *point* era a Praça Coração de Jesus (*tradicional praça do Centro da cidade*). Lá você teve contato com jovens escritores e jornalistas. Como era? Como foi seu contato com essas pessoas?

**Sânzio** – A Praça do Coração de Jesus, realmente, quem se encontrava... Essa turminha já se conhecia doutros locais. O Carvalho Nogueira – que é o Jáder de Carvalho Nogueira – me foi apresentado umas três vezes pelo Faria Guilherme, lá no Agapito dos Santos. E depois seria um grande (*fala com ênfase*) amigo meu. Morreu relativamente há pouco tempo (2001). E nessa história de Praça Coração de Jesus, era o Heitor Faria Guilherme, o César Coelho, e outros mais.

Nós inventamos – nós inventamos, não, já existia – a Academia dos Novos, que se reunia na Casa de Juvenal Galeno (*criada em 1936, é um importante salão de encontro de artistas cearenses. Ainda hoje funciona na rua General Sampaio, 1128, mesmo local onde nasceu o poeta que dá nome à instituição*). E eu entrei de gaiato nessa Academia dos Novos, que já tinha publicado uma antologia, mas depois que eu entrei já estava meio decadente (*a Academia*). Aí era o Roberto Amaral, o José Freire de Freitas, Ribamar Lopes (*poeta maranhense, folclorista e estudioso de cordel*) – que morreu recentemente, era meu amigo, colega dessa época –, Osiris do Nordeste – era um músi-

A idéia inicial era fazer a entrevista na casa de Sânzio, mas ele não topou. Disse que a casa era pequena, o gabinete era menor ainda e não iam caber 18 pessoas.

co maranhense. A gente ia para a Praça do Ferreira e ficava dizendo poemas lá.

Nessa Academia dos Novos, eu era secretário, pegava o livro de atas e ia para a Casa de Juvenal Galeno. Estava lá a doutora Henriqueta Galeno (*filha do poeta Juvenal Galeno, ocupou, na Academia Cearense de Letras, a cadeira que pertenceu ao pai*). Isso nos anos 50. Eu chegava lá e ficava conversando com a doutora Henriqueta e não aparecia ninguém. A doutora Henriqueta fazia era rir: "Mas seus amigos não vieram, não?" Eu sei que eu fui uns três sábados e não foi ninguém, aí acabou-se a Academia (*risos*). A Academia dos Novos morreu.

**Alinne** – Você escreveu no livro *Cantos da Longa Ausência* o poema "Serenatas de Fortaleza". E nele você descreve as serenatas de forma muito emocionante. Quais foram as serenatas mais marcantes?

**Sânzio** – Olha, é o seguinte, quando eu não sabia tocar violão nem nada, fiz várias serenatas com um amigo chamado José Marçal, muito mais velho do que eu. A irmã dele me ensinou as primeiras músicas. Eu fazia as serenatas, eu era metido a cantor. Depois que eu descobri que eu não tinha voz... E, quando eu voltei de São Paulo, eu ainda fiz serenatas. O mais estranho é que Edigar de Alencar (*teatrorólogo, poeta, ensaísta e considerado um dos maiores especialistas em Carnaval do Brasil*) – outro amigo meu antigo, nascido em 1901 e falecido em 1993 – escreveu sobre o meu livro dizendo: "Sânzio de Azevedo fala das serenatas. Naturalmente só de imaginar, porque nunca viu uma serenata". Rapaz, isso não é verdade (*risos*). Eu ia falar sobre uma coisa que eu não vi? Eu fiz serenata muito, fiz demais!

O final do poema, aí sim eu sou obrigado a dizer que eu gosto do final desse poema. Quando eu digo: "E ainda embriagado de sons/ muitas vezes julguei cair-me dos ombros/ uns restos de luar..." Não deixa de ter sido um achado na época (*risos*).

**Alinne** – Teve alguma reação positiva de alguma pretendente? Ou algum pai saiu correndo atrás de vocês?

**Sânzio** – Nunca ninguém tomou nem conhecimento das minhas serenatas (*risos*). A gente tocava ou cantava, nem ninguém abria as janelas, nem agradecia, nem falava mal, graças a Deus.

**Lucíola** – Apesar de ser filho de um grande poeta, você costuma dizer que sua maior influência para começar a escrever não veio propriamente dele, mas sim desses amigos com quem você se encontrava na Praça Coação de Jesus...

**Sânzio** – (*Interrompendo*) É curioso, isso. Realmente eu via papai escrever e achava

que estava longe de ser poeta: "Que negócio de poesia, que nada!" Mas acontece que, nos primeiros amooores... O Carvalho Nogueira, principalmente, me mostrava uns poemas. Engraçado a relatividade do tempo. Ele me mostrava e dizia: "Olha esse poema aqui, eu fiz faz três anos". Três anos para mim era coisa do outro mundo. Eu dizia: "Quando eu vou ter um poema que terá três anos de idade?"

Então eu comecei a escrever umas bestrais lá. E tinha o jornal do Jäder de Carvalho (*jornalista e escritor, fundou, na década de 20, os jornais A Esquerda e O Combate*) ali na Tristão Gonçalves (*avenida do Centro de Fortaleza*), que era o *Diário do Povo* (*fundado em 1947, caracterizou-se pelo caráter libertário de sua linha editorial*). Aliás, eu pensei que tinha publicado o primeiro soneto no *Diário do Povo*. Depois eu descobri que meu pai tinha levado um para o jornal *O Nordeste* (*jornal católico que circulou entre 1922 e 1967 sob responsabilidade da Arquidiocese de Fortaleza*), do Andrade Furtado (*poeta e líder católico nascido em Quixeramobim*), e tinha saído um soneto pior do que o outro – naturalmente. Ainda bem. Eu tenho um caderno lá em casa com essas relíquias horríveis. Um dia eu vou tocar fogo (*risos*). Quando eu sentir que tô perto de morrer, eu toco fogo. Realmente, por influência principalmente do Jäder e do Carvalho Nogueira, ele fazia aqueles poeemas apaixonados... Eu comecei a tentar fazer também. Fiz um soneto muito ruim que terminava dizendo: "Indo de menos ou de mais". O meu pai: "Oh! Mas você é poeta!" Foi aí que eu peguei a corda mesmo.

**Thiago** – Desses amigos, qual foi a maior influência para iniciar a escrever?

**Sânzio** – Carvalho Nogueira, sem dúvida nenhuma. Porque o Ribamar Lopes fazia uma poesia meio matuta... Carvalho Nogueira foi a influência maior. E outra: eu mostrava a ele os poemas.

**Síria** – Sânzio, você é muito respeitado

---

“Olha esse poema aqui, eu fiz faz três anos’. (...) Eu dizia: ‘Quando eu vou ter um poema que terá três anos de idade?’”

---

O número 18, aliás, não saiu da cabeça dele. Sempre que se referia ao número de entrevistadores, insistia nos 18, não nos 12, como a equipe de produção sempre corrigia.

Por sugestão de Ronaldo Salgado, indicamos a Academia Cearense de Letras, mas Sânzio negou: seria falso pois, apesar de escrever bastante para as publicações da ACL, na verdade, nem pisava lá.

A produção passou uma tarde entrevistando Nirez, irmão de Sânzio. Na entrevista, ele disse que, se batéssemos Rubens, Consuelo, Nirez e Sânzio em um liquidificador, não chegaria aos pés do pai.

no meio literário, já escreveu muitos poemas, mas me parece que você tem uma auto-crítica muito grande. Eu queria saber de onde vem isso. Você está sempre menosprezando seus textos...

**Sânzio** – (*Risos*) Olha, para ser sincero, a verdade é a seguinte: com relação à poesia, eu não sei se eu sou tão respeitado assim, não. Eu mesmo me depreciava muito porque, no início, quando escrevia uma dedicatória, colocava: “O poeta bissexto”, “Os versos bissextos”. Manuel Bandeira (*poeta modernista nascido em Pernambuco, introdutor do verso livre no Brasil*) chamava de bissexto o poeta que escrevia uma vez na vida e outra na morte. Então, eu tinha esse negócio de me considerar bissexto e isso fez com que algumas pessoas me considerassem (*pausa*) pouco importante como poeta, e mais como ensaísta. Também, vamos e venhamos: eu publiquei 23 livros, contando os opúsculos, e desses só quatro são de poesia. Realmente minha obra ensaística é muito mais volumosa. Agora, eu acho que eu tenho noção da (*procurando a palavra*) validade do que eu escrevo. Realmente no ensaio eu não sou tão modesto, não. Eu acho que eu fiz alguma coisa, mas a minha poesia é fraca (*risos*). Agora não tão fraca quanto a de alguns que tiveram a coragem de publicar. Inclusive, eu ainda tive coragem de publicar os últimos livros porque eu vi muita coisa ruim por aí (*risos*). Eu disse: “Então eu vou publicar também.” Ultimamente, eu não posso me chamar de bissexto. Posso até me chamar de mau poeta, mas de bissexto não. Já publiquei quatro livros de poemas (*Cantos da Longa Ausência, Canto Efêmero, Cantos da Antevéspera e Lanternas Cor de Aurora*) e figuro em mais de dez antologias de poesia. Quer dizer, de qualquer maneira,

“Nesse beco do seu Chico um dia desembocou um bloco chamado Garotos do Frevo. E eu ainda lembro o que eles cantavam: ‘Com pandeiro ou sem pandeiro/ ê ê ê eu brinco’”

Para Nirez, Otacílio de Azevedo foi bom pai, bom marido, bom pintor, bom poeta, bom fotógrafo e boa gente (assim, repetindo o adjetivo, para deixar clara a profunda admiração).

não sou tão bissexto assim, não (*risos*).

**Isabele** – Sânzio, você vivenciou um período em que o Carnaval de Fortaleza era bem diferente do que é atualmente, com a passagem de blocos pelas ruas e tudo mais. Como é hoje em dia? Como é a sua participação nessa festa e como você vê hoje o Carnaval?

**Sânzio** – Olha, a minha participação é zero. Eu moro na (*rua*) José Vilar com Marcondes Pereira. Lá da minha janela, nos três ou quatro dias de Carnaval eu olho pela minha janela e não vejo nada, mas nada! Eu posso esquecer que estou no Carnaval, porque hoje é assim.

Antigamente, não. Antigamente havia os papangus (*tradicionalis personagens mascarados dos carnavais e reisados do Nordeste*), havia os sujus. Quando eu era menino, de calças curtas, na década de 40, eu lembro que essa casa da Jaime Benévolo onde mora minha irmã, ela dava para a rua Quintino Bocaiúva. Lembro que a gente chamava o beco do seu Chico, porque era um beco que dava para a mercearia do seu Chico Mossoró. Nesse beco do seu Chico um dia desembocou um bloco chamado *Garotos do Frevo*. E eu ainda lembro o que eles cantavam: “Com pandeiro ou sem pandeiro/ ê, ê, ê, eu brinco”, um sucesso de Francisco Alves (*cantor carioca de marchas carnavalescas, frevos e sambas*). E você via eles de camisa vermelha e calça branca... E ali na Duque de Caxias tinha o (*bloco*) *Zombando da Lua*, tinha a Escola de Samba Luís Assunção, era uma coisa linda! Não é saudosismo, não, é que realmente acabou. Até mesmo no Brasil, de modo geral, no Rio de Janeiro, acabou-se. Eu passei carnavais no Rio de Janeiro e, se você não vai para a Marquês de Sapucaí, você não vê Carnaval, não.

**Thiago** – Mas você fazia parte dos blocos?

**Sânzio** – Não, não fazia parte dos blocos. Eu tenho a impressão de que não. Ah! Um tempo aí... Bom, eu era menino pequeno, o *Carnaval da Vitória*. A guerra (*Segunda Guerra Mundial*) terminou em 45, e em 46 foi uma festa tão grande que meu pai vestiu uma capa de chuva, botou um nariz de palhaço. E eu me fantasiei não sei de quê, e nós fomos fazer o corso. Até teve o caso de um cidadão que jogou lança-perfume no olho do cavalo, o cavalo desembestou e derrubou um cavaleiro lá... Na verdade é isso. E gostava muito de dançar. Eu bebia e dançava. Eu passava os quatro dias alcoolizado (*risos*) e ia para os clubes com lança-perfume nos bolsos e tudo mais. Nesse tempo era assim. Depois eu esqueci... Ninguém há de dizer que eu sou, que eu fui um folião, com essa cara (*risos*).

**Isabele** – De algum modo essa diversão

de antigamente influenciou na sua produção literária? O Carnaval de antigamente...

**Sânzio** – Não, eu fiz um soneto – muito ruim – sobre Carnaval na época (*risos*) e saiu no jornal, no *Diário do Povo*, só. Mas nem entrou no livro não. De forma que o Carnaval passou incólume pela minha pena.

**Isabele** – Você acha que as festas atuais... De alguma forma falta motivo, falta inspiração para fazer poemas atualmente?

**Sânzio** – É muito relativo isso, sobre festas. Eu, por exemplo, nessa altura do campeonato, estou com 70 anos, não sou mais de festas de jeito nenhum. Outra coisa: festa junina, ainda existe isso? Antigamente existia era fogueira; não era fogueira de papel crepom ou papel de seda, não! Era fogueira de verdade! Aquele negócio de pular fogueira, de ter compadre de fogueira. Isso havia muito... Na rua onde eu morava, a Jaime Benévolo, tinha a rua do lado, a Barão de Aratânia (*rua do Centro de Fortaleza*), que a gente chamava de Rua do Lago. Ali havia muita fogueira, com areia e tudo mais... É outra realidade. Hoje é até proibido fazer fogueira.

**Giselle** – Esse tempo de festas foi um tempo de muitos amores para você?

**Sânzio** – Não... Eu vou confessar uma coisa: na realidade, eram muitos amores platônicos. É engraçado, eu fui mais feliz com negócio de amores depois que eu fui amadurecendo. No tempo que eu era bem jovem, quando eu olhava o retrato e eu me achava até bonito, eu não conseguia nada. Meus amores duravam uma semana, aí eu ficava apaixonado, fazendo serenata, e a moça não queria saber de nada. Ou então era um amor platônico mesmo, de longe, sem nem a pessoa saber (*risos*).

Ao longo dessa minha vida, é claro, houve vários amores, e daí saiu poema... Mas a maioria, não sei se é o Vinícius de Moraes que dizia que o poeta só é grande se sofrer (*os versos "Assim como o poeta/ Só é grande se sofrer" fazem parte da música Eu não existo sem você, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes*), mas, não é que eu fosse grande, mas eu acho que o poeta tem que sofrer. Um poeta contar vantagem não tem graça, não. Então, na realidade, dos poemas que eu fiz de amor, a grande maioria é mais de levar fora (*risos*).

**Thiago** – Passando para uma outra fase da sua vida, em 1959 você vai para São Paulo morar na casa do seu irmão Rubens. Por que você decidiu deixar Fortaleza?

**Sânzio** – Por falta de emprego. O problema não era bem falta de emprego. O Amadeu Barros Leal (*empresário na época responsável pela cadeia local de cinemas*

*Cinemas, a qual pertence o Cine Jangada, sala que hoje exibe filmes pornográficos*) até me arranhou um emprego lá na Cinemas, mas era para mexer com negócio de conta, contabilidade, e eu tenho horror a número.

Veja bem, eu tinha sido revisor em 56, 57. Eu fui revisor do jornal *O Estado* (*jornal cearense fundado em 1936, hoje tem circulação restrita e baixa inserção no mercado editorial*), aqui em Fortaleza, no tempo do Fran Martins (*Francisco Martins é cearense de Iguatu, jornalista e integrante do grupo Clã, importante movimento literário do Ceará na década de 40*). Inclusive, uma coisa curiosa: eu me iniciei no jornal ao mesmo tempo que o Tarcísio Holanda (*colunista do jornal Diário do Nordeste, é radicado em Brasília há mais de 30 anos, conhecido pela cobertura de política*), que hoje aparece até na televisão com negócio de política (*programa Brasil em Debate, da TV Câmara*). É um jornalista de verdade, né? Pareceria que eu ia ser um jornalista também. Nós entramos como revisores.

Então, quando eu me vi sem dinheiro e sem emprego, eu fui tentar a vida em São Paulo como desenhista, como eu já disse, fui trabalhar na *Adesite*. Depois me desempreguei e fui trabalhar na Editora LEP (*editora paulistana*), que era de um português, o seu Abel. Ali, qualquer coisa eu me desempregava. Aqui em Fortaleza mesmo, outro dia eu encontrei o Guimarães (*Fausto Guimarães Filho, amigo desde os anos 50*), que é professor aposentado do Labomar (*Instituto de Ciências do Mar, vinculado à Universidade Federal do Ceará, fundado em 1960*). Ele foi meu colega, desenhista também, na FlamBrasil (*Flâmulas Brasil*), que era do Aniz Chehab (*empresário turco*). Foi só o Aniz reclamar não sei o que de mim que eu digo: "Me dê minhas contas." Eu era irresponsável mesmo, eu brigava e saía.

Lá em São Paulo foi a mesma coisa: eu, para sair de um emprego, não custava nada. Acontece que eu saí da editora e houve a alta do papel, e, com a alta do papel, acabou-se condição de trabalhar. Eu fiz teste em muitos lugares, mas não conseguia nada. Aí houve uma coisa curiosa e surreal.



Na saída, dálmatas nada amigáveis nos esperavam no jardim. Luciola foi quem mais se assustou com a animosidade dos cães, que a fizeram voltar correndo para dentro da casa de Nirez.

A irmã de Sânzio, Consuelo, foi a pessoa mais simpática entrevistada pela produção. Ela nos recebeu em sua casa na Rua Jaime Benévolo, onde Sânzio viveu grande parte da infância e da adolescência.

No início da conversa, dona Consuelo parecia um pouco nervosa. Terminada a entrevista, porém, ela nos revelou: "Sabia que eu gostei de dar entrevista! Se quiserem fazer outra, podem vir!"

É que exatamente nessa época, em 1961, eu estava publicando o livro... Que esse livro, da Edart, eu não paguei para publicar, não, pelo contrário, eu recebia. A minha bibliografia foi crescendo como rabo de cavalo: para baixo, porque o meu primeiro livro foram 5 mil exemplares, e eu fui pago, não é como hoje que tem que pagar para publicar, não.

Então, eu desempregado, sem um tostão no bolso, me engravatava todo, ia bater na Edart falar com o seu Malheiros (*dono da editora, Álvaro Malheiros foi contista conhecido pela obra de ficção científica*), e ele (*com voz mais grave, imitando o chefe*): "Como vai o autor do livro? Olhe aqui a revisão...". Eu dava uma olhada assim... Doido para pedir um emprego ao homem, mas eu não podia, porque, ali, eu era o autor do livro. Aí foi que eu conheci o Cassiano Nunes (*poeta e professor com cerca de 50 títulos publicados, Cassiano dedicou 25 anos ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília*), que foi professor em Brasília. Ele fez umas observações no livro, conversou comigo. E Cassiano foi meu amigo até a morte. Ele tinha mania de me chamar de erudito. Essa época foi desse jeito.

Eu conversando com o Flávio Pereira (*irmão adotivo do editor José Olímpio*), ele me deu uma carta de apresentação para o Léo Vaz (*jornalista do jornal O Estado de S. Paulo e escritor*). Léo Vaz, pra quem não sabe, é autor d'O Professor Jeremias (*lançado em 1919, considerado por Monteiro Lobato "um dos grandes livros da Literatura Brasileira"*), um livro publicado por Monteiro Lobato, muito interessante, que passou, ninguém fala mais.

Eu fui à casa desse Léo Vaz e, aliás, eu nunca vi uma coisa tão estranha, viu?! Era bom fazer um filme. Eu estava em 1961. Quando eu subi para o apartamento do Léo Vaz, quando eu entrei no apartamento, os móveis todos antiquíssimos, e uma moça

**"Eu não sei se algum dia, quando eu escrever minhas memórias, (...) eu vou saber traduzir a euforia que eu senti ao entrar no Estadão."**

O ambiente, as histórias da infância do menino Rafael e a forma como falou das recordações da família Azevedo despertaram em Thiago a vontade de escrever um conto sobre dona Consuelo.

cantando uma música de Paraguassu (*Roque Ricciardi, nascido em 1894 no bairro do Brás, em São Paulo. Na década de 20, entrou para o elenco da Columbia e lançou cerca de 150 músicas*): "nunca mais um verso meu terás, nunca mais...", *Nunca Mais (título da música)*. Era como se eu tivesse voltado aos anos 20. Eu digo: "Puxa vida, eu não estou mais em 61".

Aí lá se vem o Léo Vaz, um velhinho, e me entrega uma carta. Nesse tempo não existia negócio de xerox, senão eu teria tirado uma cópia. Eu agradei e descí. Quando olhei a carta, que estava dentro de um envelope, porque ele era um *gentleman*, eu abri e estava escrito: "Este moço, Rafael Sânzio de Azevedo, é um moço de muitas prendas." Ele nem sabia quem eu era nem nada, mas disse que tinha muitas prendas, me elogiou, que eu era inteligente e não sei o quê. E isso, essa carta, veja bem, não era para eu entrar n'O Estado de S. Paulo, não. Era para eu levar ao senhor Montes (*José Maria Homem de Montes, diretor por décadas do jornal O Estado de S. Paulo e ex-presidente da Associação Nacional de Jornais*), n'O Estado de S. Paulo, e, de lá, ser enviado para o Nelson Lima Netto, que era o chefe da revisão, para ter direito de fazer uma prova.

**Thiago** – Para fazer a prova?

**Sânzio** – Era, para fazer a prova. Não foi pistolão, não. E, nessa prova, caiu uma coisa interessante que, depois, a gente sempre levava na palhaçada: um dos itens era "as vozes dos animais." "O que é o que cisne faz?", arensa. "O que é que o camelo faz?", blatera. Aí depois, todo mundo que ia entrando, novo, a gente perguntava: "Vem cá, algum dia você precisou desse raio dessas vozes de animais?" (*risos*). A coisa mais sem sentido.

**Thiago** – Você acertou essa questão?

**Sânzio** – Eu tenho a impressão de que eu errei, né? (*risos*)

**Ivna** – E como foi trabalhar num grande jornal?

**Sânzio** – Ah, eu vou dizer uma coisa: eu não sei se algum dia, quando eu escrever minhas memórias, se eu escrever – Pedro Salgueiro (*contista e cronista cearense*) vive querendo que eu escreva –, se algum dia eu vou saber traduzir a euforia que eu senti ao entrar no Estadão. Porque, realmente, eu fui ser revisor, trabalhando à noite, ganhando muito, ganhando bem para os meus padrões, entende? Quer dizer, na época era uma coisa do outro mundo.

Eu fiquei completamente realizado no sentido profissional. Outra coisa, modéstia à parte, eu era um revisor razoável, e, com pouco tempo, me botaram na "peneira".

"Peneira" era uma dupla que fazia a revisão dos outros trabalhos. Eu fui revisor do suplemento agrícola, depois do suplemento feminino, depois do suplemento literário. Esse tempo do *Estadão* foi um tempo maravilhoso para mim, eu fiz muitas amizades lá. Engraçado, dessas amizades todas, só restou um, Raul Drewnick, que era poeta, bom poeta, mas depois virou autor de narrativas paradidáticas, esses livros quase infantis, mas escreve bem o Raul Drewnick.

Esse tempo do *Estadão*, curiosamente, foi – eu trabalhando à noite, no primeiro ano troquei lente não sei quantas vezes porque gastava a vista ler na luz fluorescente –, foi o tempo que eu estudei mais, que eu li mais na minha vida inteira. O meu conhecimento literário é quase todo dessa época. Eu estudava muito, inclusive essa história de versificação, eu estudava sozinho. Eu vivia na Livraria Teixeira (*fundada em 1876, foi ponto de encontro no Centro de São Paulo de escritores como Jorge Amado, Erico Verissimo e Lygia Fagundes Telles nos anos 50. Hoje a Teixeira fica no bairro dos Jardins*) e em outras livrarias comprando livros e lendo, lendo, lendo.

Nesse tempo eu comecei a escrever uns artigos que meu pai publicava aqui, ou no *O Povo*, ou no *Correio do Ceará* (*fundado em 1915 por Álvaro da Cunha Mendes, o jornal deixou de circular em dezembro de 1982*) ou no *Unitário* (*fundado em 1903 por João Brígido, pioneiro no jornalismo cearense, foi adquirido pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand em 1940*), esses dois se acabaram.

**Ivna** – Você falou das amizades que você fez no *Estadão*, e foi nessa época também que você conheceu pessoalmente o Guilherme de Almeida (*advogado, jornalista, poeta, ensaísta e tradutor, principal responsável pela divulgação do haikai no País*). Como foi?

**Sânzio** – Eu comecei a fazer a revisão de uma crônica de Guilherme de Almeida, *Eco ao longo dos meus passos* – eu tenho até os originais de vários, tenho lá em casa bem umas dez (*crônicas*), escritas à máquina e todas emendadas. Tinha uns colegas, o (*Mário*) Melo, que a gente chamava Melinho, era quem sabia mais de gramática; o Otávio e o Raul Drewnick, e eles me levaram à rua Barão de Itapetininga, onde era o escritório dele (*Guilherme de Almeida*), e disseram: "Olha, este rapaz aqui é quem faz a revisão das suas crônicas". Ele disse: "Ah, muito prazer." "Ele é cearense", e ele: "Ah, mas que beleza, a minha mulher é cearense, Baby Barroso" – não sei se era parente do Gustavo Barroso (*advogado, professor, po-*

*lítico, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista, membro na Academia Cearense de Letras*) –, e ele disse: "Apareçam sempre, podem vir aqui". E eu, que sou até muito tímido, achei tanto prazer que... Sim! (*lembrando-se de algo*) Porque eu já lia Guilherme de Almeida aqui, é uma das influências de meu pai. Papai gostava muito dos versos de Guilherme de Almeida e eu sabia até de cor alguns poemas dele, aí eu voltei. Voltei lá, e ele conversava...

O Guilherme de Almeida era um *gentilhomme* (*cavalheiro em francês*). Ele era uma pessoa importantíssima, membro da Academia Brasileira de Letras, ostentava o *ruban rouge de la légion d'honneur* (*fita vermelha da Legião de Honra, em francês. A ordem nacional da Legião de Honra é a mais alta condecoração francesa, tendo sido instituída em 1802 por Napoleão Bonaparte e recompensa por méritos militares ou civis dedicados à Nação*) na lapela, e eu era apenas um nordestino de 27 anos, e ele, toda vez que eu ia lá, me levava até o elevador, aqueles elevadores assim (*faz, com as mãos, o movimento de abertura manual da porta do elevador, da esquerda para a direita*). Eu dizia: "Não precisa, não", e ele fazia questão de me levar até lá.

Quando conversava comigo, era dizendo em francês, e eu não entendia nada (*risos*) – hoje, talvez, eu entendesse, mas, naquele tempo, eu não entendia, não. Um dia eu tive coragem de levar meus poemas para ele ler. "Mestre, eu queria que o senhor olhasse aqui". Aí, da vez seguinte que eu fui lá, quase que eu desmaio, porque, quando eu cheguei, ele disse assim: "Olhe, eu estou encantado com os seus poemas." E eu: "Ai!", chega me faltou chão – porque eu sou ainda de uma geração que tem essas coi-

**"O Guilherme de Almeida era (...) uma pessoa importantíssima, membro da Academia Brasileira de Letras, (...) e eu era apenas um nordestino de 27 anos."**

Durante a conversa na sala, a vontade da produção era conhecer os outros cômodos da casa da família de Sânzio. A "estratégia" utilizada foi pedir para ver os quadros de Otacílio de Azevedo.

Os quadros estavam numa pequena biblioteca vizinha à sala de estar, de modo que não pudemos explorar a casa inteira. No entanto, a beleza dos quadros aliviou a frustração da equipe.

Em contato por telefone, Artur Eduardo Benevides disse não poder receber a produção por estar "em tom febril". Dita desta forma, concluímos, a expressão só poderia ter partido de um poeta.

sas. Hoje os jovens querem saber mais do que os mais velhos.

Pois bem, ele começou a fazer observações. Tinha até um soneto que ele mandou que eu cortasse, e eu cortei. Ele mostrou até 22 sonetos que ele cortou do livro *Nós*, de 1917, a conselho de Vicente de Carvalho (*advogado, jornalista, político e contista, era parnasiano e conhecido como O poeta do mar*). Ele me aconselhou muita coisa. Umas eu não aceitei, mas a grande maioria eu aceitei, inclusive o corte desse soneto eu aceitei na hora. Eu ainda criei coragem e perguntei se ele prefaciaria o livro, porque seria uma consagração, e ele disse: "Olhe, infelizmente eu não faço prefácios. Eu já neguei tantos prefácios que eu não faço, mas eu posso fazer a orelha!" (*risos*). Ele fez a orelha, e a orelha começa dizendo: "O moço poeta Sânzio de Azevedo...". Fiquei muito feliz e publiquei o livro já indo embora de lá. Recebi o livro aqui em Fortaleza. Teve até um lançamento na Casa de Juvenal Galeno – eu era muito ligado à Casa de Juvenal Galeno nesse tempo.

O Fernando Jorge (*escritor, jornalista e foi jurado nos programas de Flávio Cavalcanti, Bolinha e Carlos Aguiar*) foi quem fez o prefácio. Fernando Jorge, não sei se vocês sabem, é muito polêmico, foi até de júri de televisão, fez um livro aí arrasando com Paulo Francis (Vida e Obra do Plagiário Paulo Francis, *lançado em 1999 e reeditado em 2007*). Ele gosta muito de briga, mas ele gostou dos meus poemas.

Aliás, eu conheci o Fernando Jorge pelo seguinte: ele publicou um livro sobre Olavo Bilac, em 64 – em 65 seria o primeiro centenário de nascimento de Bilac, e ele publicou. O lançamento foi na Livraria Teixeira, e eu fui. Depois eu descobri que ele dizia uma coisa com a qual eu não concordei e botei um artigo no *Unitário*. Um dia eu o encontrei na Livraria Teixeira e tive coragem de mostrar o artigo com a censura (*crítica negativa*) a ele. Ah, mas ele pegou esse artigo e publicou na *Folha de S. Paulo*. Depois me deu o livro *As Sandálias de Cristo*, e disse assim: "Olhe, pode baixar a lenha!". Aí eu fiz um artigo elogiando e depois começava a censurar; ele dava risada e publicava na *Folha de S. Paulo* (*risos*). Depois disso eu o encontrei em 76, quando eu fui a São Paulo, e, atualmente, de vez em quando, a gente se corresponde.

**Talita** – Sânzio, a amizade que você fez com Guilherme de Almeida lhe rendeu até o contato com um tipo de poema japonês, o haicai. Posteriormente você até escreveu um livro, *Lanternas Cor de Aurora*. O que mais te encantou nesses poemas?

**Sânzio** – Olha, é uma coisa curiosa. Essa

história aí é uma bomba de efeito retardado, retardadíssimo. No tempo de Guilherme de Almeida, eu nunca, jamais me aventurei a fazer haicai, eu nem tinha vontade. E o Raul Drewnick, que é esse amigo, esse colega meu do jornal, escreveu uns haicais e publicou no *Estadão* mesmo. Eu achei uma beleza, e o tempo foi passando. Aqui, em Fortaleza, eu fui revisor na *Imprensa Universitária* (*órgão da Universidade Federal do Ceará*), fui colega do Faria Guilherme e do Barroso Gomes (*Francisco Barroso Gomes, poeta concretista*), que morreu num desastre como juiz, era um rapaz muito brilhante, Nonato de Brito (*revisor, poeta e contista*) também foi meu colega nesse tempo...

Pois bem, o Barroso Gomes fez uns haicais muito bons, inclusive no meu livro, *Literatura Cearense*, de 1976, eu incluí uns haicais do Barroso Gomes, mas o tempo foi passando. Sei lá quando foi na vida que me veio... Por isso que eu acredito em inspiração. Eu conversava muito com Francisco Carvalho sobre isso. Pode inventar outro nome para isso, mas que existe uma predisposição, existe. Você não faz um poema na hora que você quer. Você não se senta aqui e faz um poema.

Então, um belo dia, me saiu um haicai. E aí eu fiz outro e fiz outro e fiz meia dúzia. Botei no meu livro *Cantos da Antevéspera*. Depois eu estava em Paris, porque a Fernanda (*Coutinho, esposa, professora, hoje é coordenadora do mestrado em Letras no Departamento de Literatura da UFC*) fez tipo um (*curso*) sanduíche (*pós-graduação feita parte em uma Universidade, parte em outra*). Nós passamos meio ano na França, ela pesquisou muito, foi muito bom, e eu passava o tempo todo na biblioteca. Isso me rendeu um trabalho que fiz sobre Victor Hugo, todo com livros em francês, porque lá não tinha livro em português. Nas horas vagas, quando eu estava em casa, eu comecei a fazer haicai. Aí foi um atrás do outro, um atrás do outro. Mas é impressionante! Ali eu fiz... esse livro tem 62, parece. Pois tirando os seis, os outros todos, quase todos, eu fiz lá, numa tirada só. Numa semana só eu fiz não sei quantos. Não é uma coisa mediúnica, mas, que há uma predisposição, há. É impressionante, eu não sei nem explicar o que é isso.

**Luciôla** – No poema *Poema para Junho*, você diz que "A madrugada é um poema de Guilherme de Almeida". Você vivenciou, quando trabalhava no *Estadão*, a boemia jornalística que era comum à época?

**Sânzio** – Essa história da madrugada do poema de Guilherme de Almeida, que, por sinal, quando ele leu, teve um ataque

Na pré-entrevista, Sânzio disse que Guilherme de Almeida fora condecorado com a fita da Legião de Honra da França. Disse em francês: "Ostentava o ruban rouge de la légion d'honneur na lapela".

de modéstia, é a seguinte: aqui em Fortaleza, quando eu lia os poemas de Guilherme de Almeida falando na alameda, no frio, no céu cinzento e os plátanos da rua, eu achava que aquilo era europeu. Um nordestino que nunca tinha saído do Nordeste, eu lá sabia que São Paulo era daquele jeito! Eu tinha a impressão de que aquilo era influência da leitura de Verlaine (*Paul Verlaine, poeta francês do século XIX, influenciou o desenvolvimento do Simbolismo*) ou coisa que o valha. Acontece que, quando eu fui para São Paulo – porque eu não fui a São Paulo, eu fui *para*, eu ia ficar lá –, uma noite eu estava na Avenida Rio Branco e vi as folhas caindo das árvores, aquele vento frio, e aí eu digo: “Puxa vida, está aqui. É isso que o Guilherme de Almeida via”. Eu fiz o poema, que termina com “as flores se arrastando na alameda” que, para ele, para o poeta, “a madrugada é um poema de Guilherme de Almeida”.

**Thiago** – Mas em relação à boemia jornalística? Você trabalhava à noite, e imagino que, na época, saía do jornal...

**Sânzio** – Engraçado: eu já tinha passado essa fase desse negócio de beber, já estava mais sóbrio, mas acontece que a gente não resiste muito. A gente ficava jogando sinuca até o dia raiar. Muitas vezes eu emendei noite – era uma loucura o que eu fazia, mas, muitas vezes, eu emendava, eu ia trabalhar sem ter dormido a noite anterior. Às vezes a gente fazia era beber mesmo, encher a cara, e aí ocorreu um caso curioso: existe lá a Ladeira da Memória (*localizada no Centro de São Paulo, possui um obelisco, monumento mais antigo da Capital*), uma pracinha – eu nem me localizo mais hoje. Para vocês verem como São Paulo era diferente: madrugada, eu e o Otávio estávamos tão tontos, pesados de bebida, que adormecemos na grama. E o Raul Drewnick ficou sentado, tomando conta. Aí disse que um outro colega foi chegando: “Quem é esse?..”, e Raul: “Shhh! (*faz indicação de silêncio*) *Peraí que eles tão dormindo*” (*risos*). Dormindo na La-

deira da Memória. Imagine, se fosse fazer isso hoje, era para levar um tiro.

**Thiago** – Sânzio, ainda no livro *Cantos da Longa Ausência*, você escreveu assim sobre Fortaleza: “Pois se não tenho a ti como desejo,/ ó Fortaleza amada, eu te revejo/ com os olhos da saudade...”. Aí eu pergunto: além da saudade, o que fez você voltar para Fortaleza?

**Sânzio** – O que me fez voltar, em primeiro lugar, foi a saudade, mas principalmente o fato de, em 65, eu ter vindo aqui a passeio. Se eu nunca tivesse vindo, talvez eu ficasse por lá. Mas, quando eu vim, em 65, era época da chuva, e o céu estava cinzento, plúmbeo, e eu vendo os coqueiros diante do céu cinzento – não sei se vocês sabem, mas em São Paulo não tem coqueiro. Esse meu amigo, o Floreal d’Amore, aquele que eu citei no negócio do Paulo Eiró, ele era metido muito a ser botânico, ele dizia pra mim: “Opa, encontrei um coqueiro, vamo lá!” A gente chegava lá e era uma palmeira.

Não tinha coqueiro. Esses de coco-dabaía, não tinha, não. Quando eu vi os coqueiros, o céu cinzento, quando eu vi minha mãe chorando, eu pensei assim: “Me diga uma coisa, por que diabo eu tenho que viver numa terra alheia se nem raízes eu tenho lá?” Eu era solteiro. Vim ganhar cinco vezes menos do que eu ganhava lá. Porque eu vou dizer uma coisa: perdoe quem for paulista, mas eu nunca me adaptei a São Paulo, nunca gostei de São Paulo. Eu gostei de alguns momentos, mas gostar de São Paulo, não.

Meu pai foi falar com o Eduardo Campos (*radialista, jornalista, escritor cearense, teatrólogo e pesquisador, Manuel Eduardo Pinheiro Campos teve mais de 70 livros publicados*), que era o superintendente dos Diários Associados, e disse: “Olhe, não tem um lugar aí pro meu filho?” Não dá nem para transformar, porque eu não entendo de economia, mas eu ganhava 500 mil cruzeiros, ou cruzeiros novos – eu não sei – com tudo, extraordinários também. Porque a gente, toda sexta-feira varava a noite, aí aumen-



O problema foi a frase dita em francês. Ao ver Sânzio tocando o lado esquerdo do peito, Thiago, que não entende nada da língua de Victor Hugo, traduziu o gesto: “Usava uma flor na lapela”.

Ao fim da pré-entrevista, a equipe de produção se ofereceu para assistir à aula de Literatura Brasileira que Sânzio ministraria em seguida, sobre o Simbolismo de Alphonsus de Guimarães.

Ele avisou que nós não deveríamos esperar uma aula convencional, pois a dele tinha um tom "anedótico". Na aula, Sânzio fazia brincadeiras, contava histórias sobre escritores e lia poemas.

tava. Papai falou pro Eduardo Campos: "Dá para arranjar um lugar de revisor pro meu filho?". Ele disse: "Quanto ele ganha lá no *Estadão*?". Papai disse: "500 mil". E ele: "Aqui nem redator-chefe ganha isso!" (*risos*). Aí eu vim ganhar 100 mil na Imprensa Universitária. Vim ganhar cinco vezes menos e nunca me arrependi. De jeito nenhum!

**Ivna** – E o que foi exatamente que dificultou essa adaptação em São Paulo?

**Sânzio** – Na verdade, é difícil dizer. Eu tive esses amigos no *Estadão*, mas, fora isso, eu achei a cidade muito fria, sei lá. Mas fria não é no sentido térmico, não. Claro que é um mito dizer que o paulista é frio, porque houve até gente chorando no dia que eu me despedi. Eu fiz muitos amigos lá. Mas eu quero dizer é que... é difícil a gente dizer. Eu vivia constantemente... Eu vou responder agora, agora chegou a palavra. Eu vivia provisoriamente, eu nunca me senti radicado em São Paulo. Eu sempre estava esperando voltar. Isso é uma coisa psicológica.

Eu tinha um amigo, Raimundo Rodrigues da Silva (*também revisor*), era um velho cearense que trabalhava lá no *Estadão*, e ele falava assim, de uma maneira muito peculiar (*diz tentando imitar o falar impostado do amigo*). Quando eu disse a ele que pretendia voltar, ele disse: "Olha, eu não volto pro Ceará porque eu já criei raízes, eu tenho até netos aqui. Mas você, você devia voltar mesmo." Ele dizia: "Vive-se em toda parte", ele falava assim, né, "vive-se em toda parte" (*arrasta as vogais da sílaba tônica de cada palavra*).

Eu tinha um amigo chamado José Carlos de Sylos, que era do interior, e, lá pras tantas, coincidiu que ele teve vontade de sair de São Paulo. Veja bem, em 66, São Paulo já estava ficando meio violenta, ele disse: "Eu já estou cansado de São Paulo, eu vou lá pra 'não sei onde'", era um interior. Nós tivemos essa afinidade. Toda hora ele estava me chamando para conversar: "Eu acho que vou pra minha terra, e você?", "Cara, eu vou pra minha também", e isso me incentivou. Eu vendo esse rapaz paulista querer

**"Vim (para Fortaleza) ganhar cinco vezes menos (que no *Estadão*) e nunca me arrependi. De jeito nenhum!"**

Ele mencionou que uma aluna era da República Tcheca. Ela disse que todos já sabiam, mas Sânzio retrucou: "Essas duas meninas e aquele rapaz não sabem, eles não são daqui. São da polícia".

voltar lá pro interior. Eu fiquei: "Por que eu não volto pra minha terra também?"

**Thiago** – No retorno a Fortaleza, Sânzio, você já veio com essa idéia de estudar a Literatura Cearense. Aí você foi trabalhar na Imprensa Universitária e depois na Casa de José de Alencar, onde conheceu Artur Eduardo Benevides (*Eleito "príncipe dos poetas cearenses", ensaísta e contista com mais de quarenta livros publicados, integrante do grupo*)...

**Sânzio** – ...Não, eu já conhecia o Artur.

**Thiago** – Ele nos contou que ele praticamente o obrigou a cursar Letras. Como é isso: você vinha disposto a estudar literatura e não queria cursar Letras?

**Sânzio** – Não, eu vou dizer a verdade para vocês. Eu terminei o ginásio no Agapito dos Santos em 1955. Eu fui embora para São Paulo e não fiz coisa nenhuma mais, não fiz curso. Quando eu voltei de São Paulo, eu só tinha o ginásio (*correspondente ao Ensino Fundamental II*), eu não tinha clássico nem científico (*correspondente ao Ensino Médio*). Quando eu chego aqui, eu visitava o Artur, Artur Eduardo Benevides, o Macambira (*José Rebouças Macambira, professor do Liceu e das universidades Estadual e Federal do Ceará, integrante da ACL*), o Plínio Sá Leitão (*Plínio Santiago de Sá Leitão*), todos ficavam contentes, mas principalmente o Artur.

O Artur insistia comigo, insistia demais. Ele dizia: "Sânzio, você tem que fazer o curso de Letras. Do grupo Clã, só quem não é professor da Universidade é o Braga Montenegro" – que é um dos mais brilhantes, por quê? Porque nunca fez um curso. Aí (*o Artur*) insistia, insistia, insistia. Resultado: um amigo meu, chamado Raimundo, que eu chamo Raimundinho (*hoje em dia é oficial da polícia no Piauí*), não sei nem como é o sobrenome dele, me arranjou o programa de um Artigo 99 (*espécie de curso supletivo*), ou coisa que o valha, e aí eu fui ver as matérias que eu podia fazer (*no curso, escolhiam-se oito matérias. Sânzio escolheu Português, Geografia, História, Sociologia, Alemão, Inglês, Literatura e Filosofia*). Não queria botar nem Física nem Matemática, não queria negócio de número – e, paradoxalmente, hoje eu dou (*aula de*) Teoria do Verso, que é cheia de número (*risos*). Mas o certo é que eu consegui fazer.

Em língua estrangeira eu fiz Francês, fiz Alemão, porque eu estava estudando Alemão nesse tempo – se fosse hoje, já não ia colar. Era com Guilherme Müller, que depois foi meu professor de Literatura Francesa na faculdade... Eu digo na faculdade estadual (*Uece*), mas, na verdade, eu me formei na federal (*UFC*), porque (*a Uece*) era agrega-

da. Não existia a Uece ainda, era Faculdade de Filosofia do Ceará, agregada à UFC.

Então esses conselhos do Artur Eduardo pesaram muito. Fui fazer o Artigo 99 e, em 69, eu fiz o vestibular. Inclusive, a língua que eu escolhi foi o Alemão e quase que eu era reprovado, porque foi o padre Jessé (*poliglota, professor de Alemão, Francês e Inglês na Estadual*) que fez a prova, e fez a prova a lápis, exclusivamente para mim. Eu pensando que ia ser um livro daqueles do *Deutsche Sprachlehre für Ausländer (Língua Alemã para Estrangeiros, em alemão)*, que eu tinha estudado na Cultura Alemã (*curso de língua alemã vinculada à UFC*), mas não foi nada disso, foi uma prova que ele fez com a palavra "heiraten". Eu tinha que traduzir o texto, aí toda hora (*aparecia no texto*) "heiraten".

Eu chamava o professor, padre Jessé: "Professor, como é mesmo aqui a história?", e ele: "Você traduza!", e eu sem querer perguntar, né? Até que uma hora lá eu digo: "Padre, como é mesmo?", aí ele: "Rapaz, essa história é de casamento". Aí eu digo: "aah, 'heiraten' deve ser casar" (*risos*). Foi como eu me safei. Ainda cometi uma burrice, eu fiquei doente! Você sabe quando você erra uma coisa, sabe que errou e se lembra do correto antes de olhar o livro? É horrível. Era para dizer "logo", e eu disse "schnell", sendo que "schnell" é rapidamente. Aí, quando eu me lembrei na escada, era "sofort". Eu digo: "Pronto, agora eu estou ferrado." Mas eu passei. Eu digo que fui um aluno cobra, passei arrastado em Alemão.

**Giselle** – Em 73 você já estava dando aula na Universidade. Quem foram os grandes mestres na arte de ser professor na sua vida?

**Sânzio** – Ah... Os grandes mestres para mim, professores, que eu tive? Vixe, agora vocês me botaram numa situação... É o seguinte, lá eu não tive o prazer nem a honra de ser aluno nem do Artur Eduardo, nem do Moreira Campos (*um dos mais importantes contistas, cearense de Senador Pompeu*). Eu fui aluno do Macambira, professor Rebouças Macambira. Taí, meus professores que me marcaram foram o professor Rebouças Macambira, de Lingüística, professora Aglaida Facó, de Teoria, professor João Soares Lobo, de Literatura Portuguesa... Sim! Tenho que falar de outros professores também: o Cartaxo (*Luís Edgard Cartaxo de Arruda*) me marcou muito, Lauro de Oliveira Lima (*professores do ginásio*)... Acrescente aí, por favor, o professor de Francês Mário Barbosa Cordeiro (*lecionava na Uece, membro da Academia Cearense de Língua Portuguesa*), primo do Cruz Filho (*poeta da Academia Cearense de Letras eleito "príncipe dos poetas cearenses"*). Esse é um professor notável e

meu amigo ainda hoje. E o Guilherme Müller, que era Wilhelm Müller, mas aportuguesou o nome. Por aí, acho que foram os professores que mais me marcaram.

**Isabele** – Em que momento o senhor descobriu o gosto por ser professor?

**Sânzio** – Afe! É o seguinte, na verdade – isso é interessante –, quando eu estava terminando o ginásio, havia o Curso de Admissão. O Curso de Admissão, que era o mais difícil, tinha era Português, Matemática, Geografia e História. O Lauro de Oliveira Lima, que todo mundo sabe que é um pedagogo, me escolheu para ser professor do Curso de Admissão (*ao Ginásio*). Mas você não imagina de que disciplina: História. É porque eu gostava muito de História nesse tempo, eu era um dos alunos mais aplicados do Luís Edgard Cartaxo de Arruda.

Então o Lauro de Oliveira Lima me chamou para dar aula de História, História do Brasil, imagine! Aí eu perguntei: "Professor Lauro, eu nunca dei uma aula na minha vida, como é que eu faço?" Ele disse: "O conselho que eu lhe dou é o seguinte: nunca enrole os alunos. No dia em que eles perguntarem coisas que você não souber, diga 'não sei' e pronto". Esse é o ensinamento maior do Lauro para mim. E eu realmente gostei da experiência, mas não tive oportunidade de repetir. Quando eu estava na Casa de José de Alencar, trabalhando nas funções burocráticas, o doutor Artur começou a insistir para eu fazer o curso de Letras. Eu me lembrei do tempo do magistério como professor de História e, realmente, eu não tenho me saído muito mal, não. Veja bem, eu dei aula no Curso de Admissão em 1955 e fui dar aula depois na Universidade. Quando eu me aposentei, eu fui convidado por três colegas: Leite Júnior (*professor na UFC*), Galileu (*professor de Português no colégio Espaço Aberto*) e o Eduardo Luz (*ensina Teoria da Literatura*) para substituir o Galileu

---

**"Eu perguntei:  
"Professor Lauro,  
eu nunca dei uma  
aula na minha vida,  
como é que eu  
faço?". Ele disse:  
"(...) nunca enrole os  
alunos"**

---

Sânzio referia-se ao fato de termos falado com vários parentes e amigos. A produção brincava dizendo a Sânzio que sabíamos tudo sobre a vida dele e que estávamos seguindo seus passos.

Na verdade, era Sânzio quem seguia os nossos. Comentamos que havíamos conversado por telefone com o seu amigo Artur Eduardo Benevides e ele disse com naturalidade que já sabia.

Ao entrevistarmos a irmã de Sânzio, Maria Consuelo, ela deixou escapar que havia falado anteriormente por telefone com Rafael – é pelo primeiro nome que ela ainda o chama.



no cursinho. Eu nunca passei por colégio (como professor), por Ensino Médio ou segundo grau ou coisa que o valha. E aí me pegaram para cursinho. Eu dava oito vezes a mesma aula.

Entre os donos do Espaço Aberto (colégio particular de Fortaleza), estavam pelo menos dois netos do doutor Martins, filho do doutor Murilo (Martins, médico, atual presidente da ACL). Eu nem me lembrava desse parentesco, quando doutor Martins chegou para mim e disse: "Olhe, você está se dando muito bem lá com os meninos". Digo: "Que meninos?" "Ah, os meus netos. Eles estão gostando muito." Porque eles saíam perguntando aos alunos se eles estavam gostando das minhas aulas.

Como eu disse, eu não quero estar me elogiando, mas o Roberto Arruda, que hoje é professor de Latim e é coordenador do curso de Letras da UFC, ele foi meu aluno. Um dia, ele me fez uma pergunta que, para mim, foi um elogio. Ele disse: "Sânzio, onde foi que você estudou didática?" Eu digo: "Em parte nenhuma. Eu fui o pior aluno dessas disciplinas, 'não sei quê de segundo grau'. Aquelas que ensinavam didática, eu passava arrastado". Mas ele achou que eu tinha uma didática muito boa. Eu tenho a impressão, hoje, de que essa didática é uma coisa inata. O Rubens, por exemplo, meu irmão, tinha uma facilidade muito grande de transmitir o conhecimento.

**Edwirges** – Sânzio, e lecionando aqui na Universidade (Federal do Ceará), você sente que o curso de Letras é capaz de despertar nos alunos esse gosto, esse interesse, esse amor pela literatura?

**Sânzio** – Olha, graças a Deus, os alunos das disciplinas que eu dou – claro, há exceções – talvez metade da turma não tome muito conhecimento, ou fique empurrando, ou passe arrastado, mas muitos se interessam muito. Se interessam, e outra coisa: eu tenho tido o prazer de ver depois ex-alunos meus dando aula. Bom, aí mesmo, na Universidade, o Paulo Mosânio foi meu aluno, o (Roberto) Arruda foi meu aluno, há muitos professores aí até destacados que foram meus alunos. Eu fico muito feliz com isso.

Quer dizer, não que eu tenha contribuído com muita coisa, mas eu digo que essa pessoa tem vocação para lecionar.

**Lucíola** – Como aconteceu o primeiro contato teu com o jornal *O Pão*? Em que momento você primeiro ouviu falar dele?

**Sânzio** – Ah, é o seguinte... Nesse tempo da Academia dos Novos, nos anos 50, havia uns colegas, o (Antônio) Pompeu, o Carvalho Nogueira, que quiseram fundar ou andaram fundando uma imitação da Padaria Espiritual. Eu ouvia falar naquilo, e tal e coisa, mas nunca me interessei muito. Quando eu fui para São Paulo, eu quis me aprofundar no estudo da Literatura Cearense. Eu li o livro de Leonardo Mota (folclorista cearense, escritor e jornalista) sobre a Padaria Espiritual, de 1938, eu tomei conhecimento do jornal. Mas do jornal propriamente dito, eu só tomei conhecimento com a Maria da Conceição Souza, que é a pioneira da Biblioteconomia aqui no Ceará (primeira diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal do Ceará, criada em 1957). Ela foi quem ajudou o Dolor Barreira na *História da Literatura Cearense*. Ela me deu vários exemplares (do jornal *O Pão*) da segunda fase. Da segunda fase, que da primeira eu nunca vi. E em 1982 eu tive o prazer e a honra de organizar, com a ajuda da Regina Fiúzia (Regina Pamplona Fiúza, bisneta de José Carlos Júnior, padeiro da segunda fase da Padaria Espiritual), uma edição fac-similar do *O Pão*.

**Thiago** – Ainda falando sobre *O Pão* e a Padaria Espiritual, eu queria perguntar sobre a sua tese de doutorado. Você defende na tese que o Simbolismo cearense veio direto de Portugal, e não da influência de autores cariocas ou paranaenses. Quais foram as repercussões que aconteceram a partir dessa sua tese?

**Sânzio** – Repercussão do meu trabalho eu só conheço uma: o José Aderaldo Castello (crítico literário), no seu livro *Literatura Brasileira: origens e unidades*, de 1999, dedica uma página inteira a isso, ele explica meu trabalho e comenta. Mas o meu amigo Massaud Moisés (crítico, ensaísta e especialista em literatura brasileira e portuguesa, autor de diversos livros sobre história da Literatura), esse foi uma graça, porque ele dizia naquele livro *O Simbolismo*, da (Editora) Cultrix, que o Simbolismo nasceu no Paraná, foi para o Rio, do Rio se irradiou para o resto do País. Depois eu mandei minha tese para ele, naturalmente ele não leu (risos), botou meu livro na bibliografia e continuou dizendo a mesma coisa. Aí eu mandei uma carta para ele: "Massaud, meu amigo, muito obrigado por me citar na bibliografia, mas do jeito que você me citou foi mesmo que

Na ligação a Maria Consuelo, Sânzio teria dito à irmã mais velha: "Fale dessas coisas que eu faço mesmo... Diga que eu desenhava ruim feito o diabo, fale dos poemas, dos discos...".

nada, porque você continua dizendo a mesma coisa”.

Pode parecer até bairrismo, porque eu quero que o Simbolismo do Ceará não tenha nada com o do Rio, mas eu não estou dizendo que ele nasceu por geração espontânea, estou dizendo que veio de Portugal. E outra: na minha tese eu acho que eu demonstro isso claramente. Mário Linhares (*poeta cearense, foi membro da Academia Carioca de Letras e da Academia Cearense de Letras*), em 1938, no (*livro*) *Poetas Esquecidos*, ele já dizia: “Lívio Barreto tinha noção do Simbolismo mesmo sem conhecer nada dessa escola”. Quer dizer, ele (*Mário*) andou perto; não que (*o Lívio*) não conhecesse, ele não conheceu a deste País.

Sim, e me baseei também principalmente numa frase de Adolfo Caminha nas *Cartas Literárias*, de 1895, em que ele diz que o único volume do *Só* (*livro simbolista português*), de Antônio Nobre, que aparecera misteriosamente na província, passava de mão em mão, era lido e adorado, “era a nossa bíblia, o nosso encanto, o nosso livro amado.” Ora, o Adolfo Caminha só esteve aqui (*no Ceará*) até 1892, que é o ano da publicação do livro (*Só*), então não há jeito de se enganar. Logo, foi o próprio Antônio Nobre quem influenciou mesmo os poetas da Padaria Espiritual.

E na carta-prefácio que o Antônio Sales escreveu para o (*livro*) *Phantos*, do Lopes Filho (*autor simbolista, padeiro da primeira fase*), que é de 1893, ele diz: “Bem se vê que leste Verlaine, Baudelaire, Mallarmé, Nobre e Eugênio de Castro (*poetas europeus*), esses apóstolos da estranha escola do Decadismo”. Por que ele não citou Cruz e Sousa, nem Alphonsus de Guimaraens, nem Emiliano Perneta (*autores simbolistas brasileiros*)? Porque não conhecia.

**Alinne** – Mas essa não foi a única obra do senhor que deu o que falar nacionalmente. Teve uma outra, que foi (*o livro*) *Literatura Cearense*, que o senhor escreveu falando de vários poetas, da produção literária até a contemporaneidade...

**Sânzio** – (*Interrompendo*) Ah, mas aí foi uma burrice minha, foi uma burrice imperdoável! O livro é de 1976, eu vim até 1976. Então, quem eu apenas citei ou nem citei ia para o jornal baixar a lenha em mim (*com ênfase*). Eu levei tanta descompostura que eu prometi a mim mesmo nunca mais escrever sobre autor contemporâneo – a não ser assim, um livro de amigo, eu botar um prefácio, *en passant* (*em francês, de passagem*). Mas uma História da Literatura, negativo. Eu faço como Manuel Bandeira: entre apanhar e apanhar, eu prefiro apanhar sem

prefácio, sem ressalva. Porque na abertura do livro ele (*Manuel*) explicava, ele explicava (*com ênfase*) que botava os autores mais significativos, mas todo mundo quer ser significativo.

**Thiago** – E a partir de que obra você apontaria que passou a ser visto como um grande estudioso da literatura?

**Sânzio** – A partir de que obra? Para eu mesmo dizer isso fica meio complicado... Mas aqui no Ceará, a partir desse *Literatura Cearense* – por ser um livro muito abrangente, um livro muito citado, todo mundo mexe nesse livro – , eu fiquei sendo uma referência, porque o Dolor Barreira só vem até 1918, e eu fui muito além. Depois disso, eu tive o prazer de, por exemplo... Tanto a biografia do Adolfo Caminha (*Adolfo Caminha: vida e obra*), que eu publiquei em 1997 com segunda edição em 1999, como agora *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*, de 2004, os dois mereceram menção do Wilson Martins (*crítico literário, é autor de obras como História da Inteligência Brasileira e A Crítica Literária no Brasil*), sendo que o do Parnasianismo mereceu um artigo inteiro do Wilson Martins me fazendo pouquíssimas restrições. Eu fiquei muito feliz. Embora isso seja muito precário: ele publicou no (*jornal*) *O Globo*, do Rio de Janeiro, então pouca gente leu por aqui.

**Diego** – No Rio de Janeiro (*Sânzio viajou ao Rio em 1976 para fazer Mestrado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ*) você tinha uma intensa rotina de atividades. Como você conciliava os estudos com a produção literária e ainda o fato de ter de tomar conta do seu filho Lívio, ainda pequeno?

**Sânzio** – É o seguinte: a minha atividade era estudar, lá (*no Rio*) eu tinha uma bolsa (*de Mestrado*) e estava só para estudar. Então, o que eu escrevia era a minha tese. Eu tinha aula quase todo dia, mas não era todo dia. Por exemplo: as aulas do meu orientador, Afrânio (*Afrânio Coutinho, crítico literário e ensaísta autor de diversos livros sobre teoria literária*), eram à noite. E a orientação do Afrânio era interessante, ele me deu uma orientação notável. Ele disse: “Olhe, a Pada-



Depois da aula de Literatura Brasileira a que assistimos, Sânzio nos convidou até o carro para nos presentear com três exemplares de *Lanternas Cor de Aurora*, livro de haicais publicado em 2004.

Enquanto conversávamos amenidades e recebíamos os exemplares com suas devidas dedicatórias, uma ex-aluna o abordou, bastante efusiva, enchendo Sânzio de elogios.

O interessante é que a menina não sabia que investigávamos a vida de Sânzio. O depoimento, então, foi natural, sincero e apaixonado, de grande valia para o trabalho de produção da entrevista.

ria Espiritual, você esgote o assunto". Claro que ninguém esgota nada, né, mas eu ia fazer só um capitulozinho, e ele disse: "Não, você escreva o que você puder sobre a Padaria, que você nunca mais vai ter coragem de mexer nisso, aproveite esse momento". Mas ele quase que não dava muito palpite, não. Ele dizia que quem entendia era eu mesmo, então nossa orientação era... O Mário Camarinha da Silva (*filólogo, professor e ensaísta carioca*), que era uma espécie de co-orientador, deu mais orientação do que o Afrânio. O Afrânio me deixava muito livre.

Eu queria fazer só a dissertação do Mestrado, e fui para lá em 76. Com um ano e meio, nem o Lívio nem a mãe dele, minha primeira mulher, a Margarida, se adaptaram bem ao Rio. Ficaram por lá, mas não se adaptaram. Nós fomos morar num prédio, num edifício, na Rua Barata Ribeiro, entre (*as ruas*) Ronald de Carvalho e Duvivier. Eu voltei para o Ceará, me pegaram logo para dar aula, mas eu ia escrevendo os capítulos e mandando para o Afrânio Coutinho. E eu tenho muito orgulho de contar isso: eu fiquei mandando os capítulos, e um dia ele me mandou uma carta – que eu brinco que vou botar num quadro –, dizendo assim: "Sânzio, isso não é mais uma dissertação de Mestrado, isso é uma tese de Doutorado. Venha fazer os créditos (*do Doutorado*)". Lá vou eu e o Lívio de novo sofrer no Rio de Janeiro. Passou 79 e 80. Voltando para cá (*Fortaleza*) definitivamente, ele nunca mais quis nem saber do Rio (*risos*).

**Lucíola** – Sânzio, lá no Rio de Janeiro tinha um grupo que se reunia semanalmente na biblioteca do Plínio Doyle (*advogado carioca e amante da Literatura Brasileira, em sua biblioteca havia mais de 25 mil livros*), que eram os Sabadoyles. E nesses encontros estavam presentes grandes nomes da

Literatura Brasileira, como Drummond (*poeta, cronista e contista mineiro, autor de A rosa do povo, Alguma poesia e Sentimento do mundo*), Pedro Nava (*memorialista premiado e ilustrador, fez parte do grupo de edição de A Revista, primeira publicação do movimento modernista mineiro*)... Como você começou a freqüentar (*o Sabadoyle*)?

**Sânzio** – Foi o seguinte: o Plínio Doyle era amigo do Braga Montenegro (*contista cearense, integrante do Grupo Clá*). Quando eu trabalhava na Casa de José de Alencar, o Plínio Doyle veio a Fortaleza, me conheceu e ficamos nos correspondendo. Quando eu fui para o Rio de Janeiro, eu tinha o telefone dele, telefonei: "Ah, mas você tem que vir ao Sabadoyle!" E eu fui, fiquei indo.

Da primeira vez em que eu fui ao Sabadoyle, o Pedro Nava disse: "Ah, mas deixa eu dar um abraço nesse cearense!" Porque o Pedro Nava era filho de José Nava, cearense (*e escritor da segunda fase da Padaria Espiritual*). E José Nava era irmão de dona Alice, mulher do Antônio Sales, que ele (*Pedro Nava*) chamava tio Sales. Ele (*Pedro*) me convidou logo para ir ao apartamento dele. Eu fiz muita pesquisa lá, encontrei inclusive duas cartas do Adolfo Caminha (*escritor cearense autor de A Normalista, fez parte da primeira fase da Padaria Espiritual*) uma de amizade e outra rompendo com a Padaria (*Espiritual*), e nunca ninguém tinha transcrito (*as cartas, ambas dirigidas a Antônio Sales*) em canto nenhum, Pedro Nava foi quem me arranjou esse material, tinha muita coisa importante lá.

E outras pessoas do Sabadoyle... O Drummond, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade contava muita história do Américo Facó (*poeta e jornalista cearense*), que foi colega dele de repartição. Um dia, peguei uns poemas que eu tinha pesquisado aqui em Fortaleza da fase parnasiana do Américo Facó, que ele renegou completamente; ele publicou depois *Poesia Perdida*, já nos anos 50, uma poesia moderna, meio clássica, herméica. E eu fiz um artigo e saí puxando os poemas que eu tirei do *Jornal do Ceará* (*fundado em 1904 por Valdemiro Cavalcante, que tinha sido da Padaria Espiritual*).

Pois bem, no *Jornal do Ceará* foi que eu encontrei esses poemas parnasianos do Américo Facó, era quase tudo desconhecido e eu copieei muita coisa. Mostrei ao Drummond o artigo, e ele achou muito interessante, aí eu perguntei a ele: "Mestre, o senhor acha justo, já que o poeta renegou essa fase parnasiana dele, é justo que eu desenterre isso e publique?" E ele, com aquele jeito dele, disse assim (*imitando Drummond*): "Defunto não tem direito a

"Ele me mandou uma carta (...) dizendo assim: "Sânzio, isso não é mais uma dissertação de Mestrado, isso é uma tese de Doutorado."

Perguntamos a Sânzio sobre o fato de ele ter se aposentado da UFC há tanto tempo – em 1994 – e ainda estar dando aula. Ele justificou: "É que eu ainda não desencarnei".

nada" (risos).

E o que é mais curioso desse Sabadoyle é que o Plínio achou – ele sabia que eu estava lá de passagem, eu estava fazendo um curso –, mas ele achou que eu tinha que ser um sabadoyliano de verdade, botou até meu retrato na parede, tinha um retrato meu lá. E há dois livros sobre o Sabadoyle em que eu sou citado como um componente do grupo.

**Síria** – Você acha que você seria quem você é hoje se você não tivesse convivido com tantos escritores importantes?

**Sânzio** – É difícil dizer isso, muito difícil... Mas eu tenho a impressão de que eu me enriqueci muito com a convivência com esse pessoal. Inclusive eu só citei aqui de passagem um nome muito importante na minha vida, que é o Braga Montenegro. Braga Montenegro foi um dos meus grandes amigos, padrinho do meu único filho, o Lívio... O Braga Montenegro me incentivou muito, prefaciou um livro meu, *Poesia de Todo Tempo*. Aliás, esse livro, de 1970, quando eu publiquei, eu coloquei na dedicatória: para Artur Eduardo Benevides, Braga Montenegro e Fran Martins.

Fran Martins foi outro que me incentivou muito. Aliás, vocês não me perguntaram, não, mas eu vou dizer: a minha entrada na Academia Cearense de Letras... Quando morreu o Sidney Neto, em 72, o Cláudio (Martins, irmão de Antônio Martins Filho) me telefonou (imita voz grave): "Sânzio, agora é você". Porque o Cláudio era assim: ele era vice-presidente da Academia, não era nem o presidente, o presidente era o Eduardo Campos, mas ele era muito autoritário. E ele: "Sânzio, agora quem entra é você". "Rapaz, que é isso..." "Não, você tem que entrar". Aí eu saí pedindo voto, que é praxe e tudo mais.

E o Cláudio me revelou uma coisa que eu não sabia: foi o Fran Martins quem se lembrou do meu nome para ser da Academia quando o Sidney morreu, o que não era merecido, porque eu tinha apenas uns opusculinhos, um livro e dois ou três opúsculos, quase nada. Aí eu escolhi, naturalmente, o Fran para me receber (na solenidade de posse). Depois que o Fran morreu, o doutor Martins, Antônio Martins Filho, pediu para eu organizar o *Pireu, Ida e Volta*, (livro) de crônicas do Fran, e na abertura eu revele uma coisa que eu descobri depois: a única pessoa que o Fran Martins recebeu fui eu. Ele nunca tinha recebido ninguém. Porque tem uns que... O Artur recebeu bem umas 50 pessoas (risos). O Fran só recebeu a mim, como eu só recebi ao Dimas Macedo (poeta e professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará) e espero

não receber ninguém mais.

**Edwirges** – Sânzio, além da literatura, você também admira outra bela-arte, que é a música. E aos 18 anos você compôs uma valsa chamada *Cinzas do Passado*, que acabou se tornando sua primeira e única. Por que não deu continuidade?

**Sânzio** – Aí é um mistério. Como dizia o Mário de Andrade, em alguns poetas jovens a poesia é uma brotoeja, que nasce e desaparece. Essa (valsas) aí foi só uma brotoeja mesmo. Essa valsa (*Cinzas do Passado*) realmente foi até comentada na época, pelo pessoal que entendia de música, porque eu não sabia (quando compôs) o que diabo era menor nem maior, tom menor nem tom maior. Eu não sabia, eu não tinha noção de nada.

Agora, o que é mais curioso dessa valsa é que o Fernando Hugo, que é um cantor aqui do Ceará – cantava com a gente quando eu tocava com Pedro Ventura (violonista), e tudo –, canta parecido com o Sílvio Caldas (famoso cantor e compositor das décadas de 30 e 40) e ele gravou (a valsa) numa fita. Eu não sei se o Christiano Câmara (pesquisador e colecionador cearense, possui grande acervo sobre música, discos de cera e de vinil) ainda se lembra disso, mas eu dei uma fita – fita ou CD, sei lá –, e ele estava ouvindo essa valsa cantada pelo Fernando Hugo. A Douvina, mulher do Christiano Câmara, foi e disse assim: "Ô meu bem, que valsa tão bonita é essa que o Sílvio Caldas tá cantando?" Ele me contou isso e eu disse para o Fernando Hugo: "Fernando Hugo, um elogio para mim e para você: para mim porque achou a valsa bonita, e para você porque está cantando como o Sílvio Caldas", que foi um grande cantor.

**Diego** – Sânzio, depois dessa valsa que você acabou de citar, você aprendeu a tocar instrumentos de corda, inclusive você participava de um programa na Rádio Universitária, que era o *Noites de Serenata*. Por que você deixou de tocar? Você tocava no programa, como é que era?

**Sânzio** – Não, é o seguinte: ao longo da minha vida eu tenho tocado, assim: eu toco e depois paro, depois... Olhe, em 59 – essa valsa aí é anterior a 59, porque em 59 que



A entrevista estava marcada para o dia 5 de junho de 2008. No dia 4, Sânzio liga para o celular de Thiago, que, naquele momento, passava de ônibus em frente a casa de dona Consuelo.

Sânzio ligava para avisar que a entrevista não poderia ser realizada no dia seguinte, porque ele estava com virose. Outra data foi então acertada: 10 de junho, uma quinta-feira, às 15h.

Meia hora antes da entrevista, todos já estavam na sala, e o nervosismo começava a mostrar seus primeiros sinais. Às 14h40, Lucíola se vira para Thiago e sentenciou: "Hora de ir buscar o Sânzio".

eu comecei a aprender a tocar violão – lá em São Paulo eu tocava, assim brincando e tudo mais, mas nunca me aperfeiçoei. Quando eu voltei (*para Fortaleza*), aí eu fui... Estudar é um modo de dizer, eu estudava com o Miranda Gollignac (*professor de violão*). Ele queria que eu fosse solista, queria que eu estudasse música, mas eu só queria de ouvido mesmo. Depois eu fui aprender acompanhamento com o Expedito, Expedito Francisco dos Santos (*violonista*), que já morreu. Eu parei, foi quando veio meu primeiro casamento, eu me afastei.

Na época do programa do Nelson Augusto (*Noites de Serenata*) era um grupo: Pedro Ventura, Saraiva, eu, e havia uns cantores, havia o cavaquinho do Guedes, do Pardal, e o pandeiro do Afrodísio Pamplona, que já morreu. Depois, eu me afastei. Quando eu me afasto, pronto, eu paro de tocar, os dedos ficam duros...

Sim, porque tem um problema interessante na minha vida: toda vida eu moro num lugar que não tem ninguém que bata nem numa lata, quanto mais tocar instrumento. É incrível essa coincidência, porque se eu tivesse algum amigo que tocasse bandolim e que morasse na outra rua, eu podia até voltar a tocar.

No tempo da minha mãe, ela cantava e eu acompanhava, cantava aquelas músicas com muita modulação (*mudança de tonalidade na música*), eu gostava muito de acompanhar, mas...

**Edwirges** – Sânzio, seu pai praticamente nunca freqüentou a escola, e ele é considerado um dos nossos grandes poetas. E você mesmo costuma dizer que ele teve a felicidade de não saber o que era sujeito ou predicado. Aí eu te pergunto: até que ponto o embasamento teórico, a cadeira da escola, ajuda ou inibe um artista?

**Sânzio** – Bom, "até que ponto" é meio difícil, mas eu posso dar um depoimento meu mesmo: eu fazia versos com muito mais facilidade antes de eu estudar versificação. Depois que eu estudei versificação a ponto de ser professor, acabou, eu faço poemas com muito mais dificuldade.

Agora, o que aconteceu com ele é que o

---

**"Eu fazia versos com muito mais facilidade antes de eu estudar versificação."**

---

Conforme havíamos combinado, passaríamos na sala onde Sânzio estaria dando aula para levá-lo até o bloco de Comunicação Social. Quando chegamos, alguns alunos ainda conversavam com ele.

meu pai leu muito. Ele mesmo conta, num livro de memórias (*Fortaleza Descalça*), que o Abraão de Carvalho tinha uma biblioteca, e ele lia muito. Ele conviveu com pessoas como Clóvis Monteiro, grande filólogo, então ele tinha quase professores ao lado dele (*refere-se ao fato de que a companhia de professores fez as vezes de escola para o pai Otacílio*). Tanto que um tempo ele fez um soneto que terminava dizendo assim: "Que eu seja desgraçado e sejam tu feliz,/ que outro te faça o bem que nunca me fizeste/ e que não faças nunca o mal que te não fiz". Esse "te não fiz" é uma apossínclise (*tipo de inversão*), uma construção muito requintada. E o Clóvis Monteiro, que era poeta e um grande filólogo, e que era muito ensimesmado, chegou e disse: "Otacílio, você sabe que você é analfabeto diante de mim". Papai disse: "Eu sei". "Mas eu vou morrer e não faço um verso desses" (*risos*). Ele (*Otacílio*) ficou todo orgulhoso.

Na verdade, meu pai freqüentou escola quando era menino, bem pequenininho, mas ele dizia que tinha umas alpercatas, e aí ele botava uma pena de caneta – de escrever no tinteiro, uma pena pontuda – ele enfiava a pena no pé e ficava cutucando o calcanhar do menino da frente. O menino reclamou para a professora, e ela escreveu no quadro: "Otacílio ..." e o resto papai não sabia, porque ele não sabia ler, só sabia o nome dele. Ele perguntou para um colega: "O que é que tá escrito ali?" E o colega: "Otacílio vai ser preso na latrina". Papai pulou a janela e nunca mais quis saber de escola! (*risos*)

**Gustavo** – Você fala que na atualidade não tem produzido tantos sonetos como antigamente. Você credita essa questão somente ao fato de ter adquirido esse conhecimento técnico?

**Sânzio** – Olha, eu diria que isso aí contribuiu, mas na verdade há um pouco de falta de incentivo ou preguiça. Porque eu vou confessar uma coisa aqui que vai parecer que eu vou me desdizer, mas eu vou dizer apenas a verdade: uma vez ou outra, a gente forçando, sai alguma coisa. O Virgílio Maia, que é poeta, meu amigo, tinha um jornalzinho chamado *O Pão*, em homenagem ao *O Pão da Padaria (Espiritual)*, e eu colaborava. Quando foi um dia, ele arranjou uma gravura de um navio a *crayon (carvão)* desenhado por um judeu prisioneiro de Auschwitz (*campo de concentração nazista localizado numa região que hoje faz parte da Polônia*). Ele pediu para várias pessoas fazerem um poema sobre aquilo. Eu fiz um soneto dizendo que o judeu estava preso, imaginando todo o povo judeu dentro daquele navio. E até que não saiu um soneto tão ruim assim,

porque eu pus no meu livro (*Cantos da Antevéspera*). Quer dizer, um poema feito por encomenda. Aliás, é a tal história: se eu entendesse de sair forçando, talvez até sáisse – não sei se prestava! Mas eu não gosto de forçar, nesse ponto eu acredito muito nisso, na predisposição. Eu só escrevo quando tenho idéia de escrever; se não, eu não sou capaz de ficar... E outra mais: eu acho que já escrevi tanto que já está bom de parar.

**Luciôla** – Sânzio, quando o seu amigo Carvalho Nogueira faleceu, em 2001, você escreveu um artigo para o *Diário do Nordeste* (*jornal cearense fundado em 1981 pelo empresário Edson Queiroz*) dizendo que, quando recebeu essa notícia, sentiu algo como se lhe arrancassem um pedaço da juventude. E, falando do seu passado, você sempre se refere a pessoas que já faleceram, pessoas próximas, amigos... Ao longo do tempo, como você aprendeu a lidar com grandes perdas?

**Sânzio** – (*Emocionado*) Olha... Como eu já disse, eu tenho 70 anos. Nessa idade, a pessoa tem que aprender a lidar com as perdas, e eu já venho lidando há muito tempo. Quando eu era ainda bem jovem, eu... Uma coisa curiosa: eu sempre tive propensão a ter amigos mais velhos do que eu. Inclusive perto lá de casa tinha uns pedreiros, pintores de parede... Havia uma coisa nas paredes antigas que se chamava rodapé, era de (*cor*) roxo-terra. E para fazer esse rodapé, tinha que ser uma coisa bem reta. Pegava um fio de barbante, sujava no pó do roxo-terra e batia, aí formava aquela listra. Alguém tinha que vir com o pincel, com uma mão muito firme e pintar, para dali pintar o resto. Havia dois pedreiros, eram o Chico do Caroço e o Nicim, toda vez que eles iam pintar uma casa, chegava a hora de fazer o rodapé: "Cadê o Rafael pra fazer o rodapé?" Eles me chamavam, eu fazia a listrinha do rodapé e eles faziam o resto (*risos*). Então, eles eram bem mais velhos que eu. Cada um que ia morrendo era uma perda pra mim.

Tinha um deles chamado Onofre, por sinal irmão da minha primeira namorada, ela tinha 25 anos e eu 14 (*todos riem*). O Onofre era um camarada muito valente, um rapaz até bonitão, valente, moreno. Um dia tomou veneno e morreu. Suicidou-se. Isso eu tinha quantos anos...? Quando ele se suicidou eu tinha uns 16, 17 anos. Então é isso, ao longo do tempo a gente vai vendo pessoas morrendo. Sem falar parentes, né? Tia Maria, irmã de papai, quando morreu eu era menino... Meu pai e minha mãe, eu já era adulto. Amigo, amigo assim mesmo, mais de perto, eu nem me lembro qual foi o primeiro que eu perdi, não. Agora o Carvalho Noguei-

ra, realmente... Apesar de eu falar com ele mais só por telefone ultimamente. A gente vai deixando de se encontrar. Mas foi um baque. E o Ribamar Lopes morreu agora, ano passado, eu acho, no meio da rua, caiu morto no meio da rua. Agora mesmo (*na semana anterior à entrevista*) morreu José Alcides Pinto (*poeta, contista e romancista cearense, autor de Os Verdes Abutres da Colina*), atropelado...

**Síria** – Você se refere o tempo todo a pessoas do passado e a coisas e costumes antigos. Inclusive você não usa computador, você prefere máquina de escrever. Eu queria saber se você se considera um homem do passado.

**Sânzio** – (*Risos*) Olha, pensando bem, quando eu dou aula ou quando eu estou aqui com vocês dizendo essas graças, eu até que não me acho muito do passado, não. Mas realmente eu sou muito preso às raízes. Porque, por exemplo, alguém já me disse: "Não, mas hoje não dá mais para escrever sem o computador..." Eu digo: *perá!*... Eu já escrevi 23 livros, todos escritos à máquina – de certo tempo para cá eu escrevo primeiro a mão e depois passo para a máquina – o que me custa mandar digitar por alguém, por que eu tenho que digitar? Então, se eu vivi até hoje sem computador, por que eu sou obrigado a ficar com o computador? Não é que eu queira ser velho, não.

**Talita** – Sânzio, depois de 35 anos de magistério, você vai deixar as salas de aula da UFC...

**Sânzio** – (*Interrompendo*) Trinta e cinco, é?

**Talita** – É... (*risos de todos*)

**Luciôla** – De 1973 até hoje dá 35 anos.

**Sânzio** – Só que aí tem uns interregnos pelo meio, uns dois anos que eu não dei aula. Mas tudo bem.

**Talita** – Inclusive a sua esposa nos contou que um grupo de 500 alunos da Letras fez um abaixo-assinado para que você não deixasse de lecionar...

**Sânzio** – (*Interrompendo*) Quem contou?

**Talita** – A Fernanda. Do que você mais vai sentir falta desse período em que você

**"Eu até que não me acho muito do passado, não. Mas realmente eu sou muito preso às raízes."**

No caminho até o local, Sânzio se mostrou preocupado por não ter trazido anotações. "Não tem problema. A entrevista é sobre você! E não invente de falar dos outros!", sentenciou Alinne.

Ao fim da entrevista Sânzio percebeu que o celular de Ivna estava no chão. Apesar de insistir para que ele não se incomodasse, ele só sossegou quando o entregou nas mãos da aluna. Um gesto manso!

No dia seguinte à entrevista, Sânzio ligou para destacar que o abaixo-assinado feito pelos alunos foi levado ao então reitor da UFC, Ícaro Moreira, falecido em 17 de abril, que admirou a iniciativa.



esteve na UFC?

**Sânzio** – Olha, eu vou dizer uma coisa para vocês: eu, de vez em quando, talvez até para me preparar ou para enganar a mim mesmo, eu digo que estou doido para que chegue o fim do ano, para eu me livrar... Eu fico pensando só nas coisas ruins, como corrigir prova, ver lista de presença, aquelas contas que eu acho chato... Mas na verdade eu acho que vou sentir muito, viu? Eu acho que vou sentir profundamente. Porque nesses intervalos (*depois da aposentadoria, em 1994, Sânzio passou alguns anos sem dar aula antes de voltar como professor visitante*) eu sentia, eu ficava assim, imagine agora. Eu estou sentindo, naturalmente – deve ser por causa da minha idade –, um carinho muito maior dos alunos, é uma zoadinha onde eu chego. E outra coisa: alunos que eu não sei nem quem é me cumprimentando (*risos*)! Toda hora, e todo mundo querendo ser meu aluno. É, fazem uma propaganda danada.

Agora não, porque eu pedi ao (*Roberto*) Arruda (*coordenador do curso de Letras da UFC*) que controlasse, mas no semestre passado eu tive uma turma de 64 alunos. Nem cabia na sala. Quando era dia de prova – porque não vem todo dia todo mundo –, mas quando era dia de prova, eu tinha que pedir a um rapaz bolsista para ele ficar tomando conta da outra metade da turma em outra sala.

**Gustavo** – Sânzio, qual é o seu maior prazer em dar aula?

**Sânzio** – Rapaz... (*pausa*) É difícil dizer, mas um dos maiores prazeres que eu sinto é quando eu vejo que o que estou dizendo é alguma coisa original, entende? Por exemplo, eu chegar e dizer que Machado de Assis teve uma fase romântica e outra realista, isso está em todos os livros, todo mundo sabe disso. Mas eu ensinar, por exemplo, coisas de Teoria do Verso, que pouca gente conhece, ou então sobre Literatura Cearense... Eu fico feliz em apresentar um autor bom, Joaquim de Sousa. Joaquim de Sousa é um poeta cearense que nasceu em 1855 e suicidou-se no Rio de Janeiro em 1876, com 21 anos de idade. É um poeta que dizia assim: “Não foi

meu coração que dispersou-se/ No deserto perdido peregrino/ Foi a sina fatal que consumou-se/ Eu nasci já maldito do destino”. Um poeta desses não é pouca coisa!

Então, eu gosto quando eu vejo os alunos escreverem sobre isso e gostarem disso. E quando eu vejo um ex-aluno meu, como Miguel Leocádio Araújo – que não é mais, mas já foi professor substituto (*da UFC*) – dando aula, falando de Joaquim de Sousa... Então, essas coisas assim que eu apresento como sendo mais ou menos originais, eu gosto de ver a repercussão, eu tenho muito prazer em apresentar. Sim, e o prazer que eu tenho de ver que os alunos sentem que o poeta vale a pena. Porque ficar desencavando coisas só porque o poeta é desconhecido não vale a pena, né? Nesse caso do Joaquim de Sousa é porque é um poeta realmente de efeito.

**Luciôla** – Em um poema seu chamado *Ânsia*, do livro *Cantos da Longa Ausência*, você diz assim: “Ânsia de ter o inatingível! Ânsia/ de atravessar, num passo, essa distância que me separa da almejada meta/ que busca, há muito, o meu ideal de poeta!”, isso em 1966. Tantos anos depois, qual é hoje a maior ânsia de Sânzio de Azevedo?

**Sânzio** – (*Risos*) Hoje vocês estão com cada pergunta... (*risos*) Minha ânsia hoje é (*pausa*)... Sossegar... (*pausa*) Minha ânsia agora seria eu conseguir publicar um resumo que eu tenho da Padaria Espiritual, um ensaio que eu tenho sobre o Rodolfo Teófilo (*fez parte da segunda fase da Padaria Espiritual, foi da Academia Cearense de Letras e farmacêutico sanitário*) e eu acho que só. Eu não tenho mais do que isso. Doutor Martins Filho chegou para mim pouco antes de morrer e disse assim: “Sânzio, você é um historiador, um historiador da Literatura, você tem que entrar no Instituto (*do Ceará, sociedade de caráter científico, com ênfase nos estudos de História, Geografia e Antropologia*)”. Aí eu fui sincero: “Doutor Martins, se eu entrar no Instituto vai ser mais uma entidade para eu não frequentar” (*risos*).

Porque eu sou da Academia (*Cearense de Letras*), gosto muito da Academia, estou à disposição da Academia, fiz a antologia da Academia no centenário, faço parte da comissão da Revista, sempre que precisam de mim eu estou a postos, faço até conferência; mas dia de sessão – hoje mesmo está havendo uma sessão – eu não piso lá, e sessão solene eu só vou muito raramente.

Então, eu não iria ao Instituto do Ceará. E isso que eu disse foi muito sincero, mas eu não disse tudo. O resto que eu poderia dizer, mas talvez até ele não gostasse, é que eu já tive vontade de entrar no Instituto do Ceará. Porque quando eu entrei em 73 na

Na pós-produção, procuramos Sânzio para tirar algumas dúvidas da entrevista: ele disse frases em francês, alemão e o nome de muitas pessoas que não estão nos livros – nem no Google!

Academia Cearense de Letras, o Instituto do Ceará parece que convidava – não era a pessoa se candidatando não, eles convidavam – e eu tinha vontade de ser chamado, que eu já tinha publicado uns livrinhos de história literária etc e tal. Mas com o tempo, com a idade, hoje Deus me livre e guarde! Não, não tenho mais. Passou o tempo. Mas a outra coisa que eu não disse é que eu já tinha tido vontade, hoje não tenho mais.

**Thiago** – A gente agradece pela entrevista...

*(Todos aplaudem)*

**Sânzio** – Mas vocês pesquisaram, não foi? Descobriram até um artigo sobre o Carvalho Nogueira... Ave Maria, do arco-da-velha...



Sobre ter falado alemão, Luciola tentou resolver pedindo para que Alan Santiago, um amigo que estudava aquele idioma, traduzisse a frase. Em troca, ele ganharia uma janela na revista. Valeu, Alan!

Conversando na sala de Sânzio, um alarme de carro soava: "Esse é o barulho da imbecilidade do mundo moderno: nunca v um alarme disparar quando o carro está realmente sendo roubado!", disse.

**Nº 01**

Ciro Ferreira Gomes  
Blanchard Girão  
Francisco José Lima Matos  
Marcos Passerine e Elizeu de Sousa  
Rosemberg Cariry

**Nº 02**

Francisco Gilmar de Carvalho  
José Maria Moreira Campos  
José Dias de Macedo  
Raquel de Queiroz  
Dedé de Castro

**Nº 03**

Ângela da Silveira Borges  
Maria Luiza Fontenelle  
Adriano Espínola  
Antônio Marques dos Santos Neto (Lino Villaventura)  
Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)

**Nº 04**

Juraci Magalhães  
Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez)  
Luíza de Teodoro Vieira  
Francisco Magalhães de Barbosa (Zé Pinto)  
José Tarcísio Ramos

**Nº 05**

Fausto Nilo  
Manfredo Araújo de Oliveira  
José Albano  
Heloísa Juaçaba

**Nº 06**

Agostinho Gósson  
Kátia Freitas  
Zé de Lima  
Eduardo Campos

**Nº 07**

Antonieta Noronha  
Narcélio Limaverde  
Xyco Théóphilo  
Luizianne Lins

**Nº 08**

Tom Barros  
Beatriz Furtado  
Firmino Holanda  
Maurício Silva

**Nº 09**

Joaquim dos Santos Rodrigues (Seu Lunga)  
Irapuan Lima  
Harbans Lal Arora  
Lira Neto

**Nº 10**

Inácio Arruda  
Patrícia Gomes  
Raimundo Fagner  
Neno Cavalcante  
José Amaro Sobrinho (Bodinho)

**Nº 11**

Sebastião Belmino  
Alemberg Quindins  
Irmãos Anicete  
Simião Martiniano  
Mainha  
Orlando Sena

**Nº 12**

Manassés  
Tasso Jereissati  
General Torres de Melo  
Muriçoca

**Nº 13**

Raimundo Rosélio  
Marcílio Maciel  
Frei Betto  
Niède Guidon

**Nº 14**

Luis-Sérgio Santos  
Edilmar Norões  
Guilherme Neto  
Águeda Passos

**Nº 15**

Oswald Barroso  
Padre Haroldo Coelho  
João Inácio Júnior  
René Shaerer

**Nº 16**

Wolney Oliveira  
Chico do Caranguejo  
Demitri Túlio  
Glória Diógenes

**Nº 17**

Paulo Diógenes  
Jawdat-Abu-El-Haj  
Flávio Sampaio  
João Alfredo

**Nº 18**

Peregrina Capelo  
Christiano Câmara  
Francisco Simão  
Hermínio Macêdo Castelo Branco (Mino)  
David Duarte

**Nº 19**

Themístocles de Castro e Silva  
Joaquim de Sousa  
José Hamilton Ribeiro  
Alexandre Fleming  
Cid Ferreira Gomes  
Karim Aïnouz

**Nº 20**

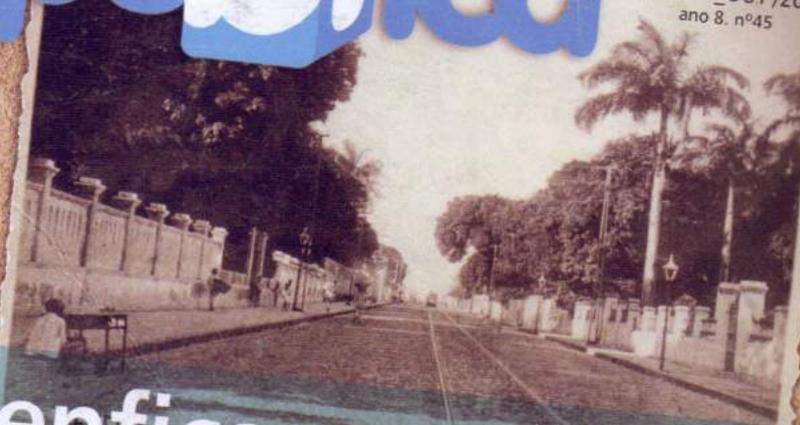
Terezinha Mapurunga  
Waldonys  
Caco Barcelos  
Sânzio de Azevedo

UNIVERSIDADE  
**pública**

UNIVERSIDADE

**pública**

SET\_OUT/2008  
ano 8. nº45



## Benfica

A história, as características e a vida no bairro onde nasceu a Universidade Federal do Ceará



## Saúde

Projeto de extensão combate o câncer através da educação

## Desenvolvimento

Série de reportagens analisa impactos de empreendimentos do Complexo Portuário do Pecém

## Educação

O professor Sérgio Haddad analisa as políticas do Governo Lula

da UFC no tremores de terra

**A revista Universidade Pública está de cara nova.**

Mudanças na identidade visual, modernização da logomarca. A revista Universidade Pública mudou, preservando sua essência. Temos agora uma leitura mais agradável, mas não abrimos mão de continuar trazendo bons temas e textos sobre a vida universitária, o ensino, a pesquisa e a extensão, pois é o que tem, ao longo de nossos oito anos, consolidado a UP como um importante veículo de comunicação dentro e fora da Universidade Federal do Ceará.